

FRANCESC FAUS

MEDITAÇÕES SOBRE A
RESSURREIÇÃO

1. O VAZIO DO CORAÇÃO SEM DEUS

Lágrimas ao amanhecer

Quando o Domingo de Páscoa começava a clarear, um grande silêncio envolvia o descampado onde se encontrava o túmulo de Jesus. Só duas coisas poderiam chamar ali a atenção de um passante solitário: uma grande pedra circular —que servira para fechar verticalmente a entrada do sepulcro— fora rolada e estava posta a um lado; e perto da entrada escancarada, uma mulher, em pé, soluçava baixinho, com um leve estremecer de ombros, de modo que os primeiros raios de sol faziam cintilar as lágrimas que lhe escorriam pelas faces. Era Maria Madalena.

Entretanto —lemos no Evangelho de São João—, *Maria conservava-se do lado de fora, perto do sepulcro, e chorava* (Jo 20,11). Era a segunda vez, naquele amanhecer de domingo, que Maria ia até ao sepulcro de Jesus, incansável no seu empenho por prestar uma última homenagem a nosso Senhor, depois da sua paixão e morte. Ajudada por outras santas mulheres, queria ungir-lhe o corpo —que na sexta-feira santa só tinham podido ungir às pressas e de modo incompleto— *com os aromas que haviam preparado*.

Foi assim que Maria Madalena chegou ao túmulo juntamente com *Maria, mãe de Tiago e Salomé*, suas amigas. Estas últimas —conta São Marcos— *fugiram, trémulas e assustadas* (Mc 16,8), ao verem que o sepulcro estava vazio. Maria, porém, foi a correr à procura de Pedro e João, para lhes dizer, quase sem fôlego: *Tiraram o Senhor do sepulcro, e não sabemos onde o puseram* (Jo 20,2).

Há um espanto geral. Recuperados do primeiro susto, os dois Apóstolos partem em corrida e ela vai atrás deles. Quando chegam ao túmulo, entram, e ficam perplexos ao ver que, além de estar vazio, os panos com que tinham amortalhado o cadáver de Jesus permaneciam intactos, com o mesmo formato que tinham quando envolviam o corpo de Cristo, só que agora aplanados, como se o corpo do Senhor os tivesse atravessado, esvaziando-os sem sequer os tocar; e o sudário que lhe cobrira a cabeça estava cuidadosamente enrolado, também intacto, a um lado. Pedro e João, emocionados e perplexos, sentiram as pernas tremer e o coração rebentar, e voltaram a correr ao Cenáculo para avisar os outros. Maria, porém, não arredou pé de lá. Não queria ir-se embora. Queria encontrar Jesus, queria honrá-lo com carinho, mesmo que fosse apenas um pobre cadáver dilacerado. Por isso ficou ali, imóvel, chorando.

As suas lágrimas silenciosas eram a expressão do seu amor. São Gregório Magno, o grande Papa do século sexto, tem um comentário muito bonito a este respeito: “E nós temos que pensar —diz ele— na força tão grande do amor que inflamava a alma daquela mulher, que não se afastava do sepulcro do Senhor, mesmo quando os apóstolos dele já voltavam. Buscava a quem não encontrava; chorava procurando-o e, consumindo-se no fogo do seu amor, ardia no desejo de encontrar aquele que imaginava roubado. E assim aconteceu que só ela o viu, a única que ficou à procura dele... Começou a buscar, e não o encontrou; perseverou no seu querer, e achou-o; de tal forma cresceram os seus desejos, e tanto se dilataram, que acabaram por alcançar o que buscavam”.

Quando meditamos em tudo o que nos conta desta mulher o santo Evangelho, percebemos que a vida de Maria Madalena poderia ser definida assim: o Amor com maiúscula, ou seja, o Amor de Deus, procurou-a e salvou-a; ela correspondeu a esse

Amor e não se cansou, por sua vez, de procurá-lo, de modo que toda a sua vida foi uma busca ardente e um aprofundamento neste divino Amor, como o foi a vida de muitos grandes santos... Mas tem havido tantas confusões, tantas mentiras e interpretações estranhas sobre o amor de Maria Madalena, que vale a pena lembrar a sua verdadeira história.

Quem era a mulher de Magdala?

Na realidade, trata-se de uma confusão que —na maior boa fé, aliás— dura há séculos. Para começar, é muito importante lembrar quem *não era* Maria Madalena. Os melhores comentaristas do Evangelho, já desde os tempos de Santo Agostinho, alertam-nos para que não a confundamos com outras duas mulheres do Evangelho. Uma é aquela pecadora pública que certa vez banhou os pés de Jesus com lágrimas de arrependimento e os ungiu com bálsamo (cf. Lc 7,37 ss.); e a outra é Maria de Betânia, a irmã mais nova —pura e singela— de Marta e Lázaro, que também derramou perfume sobre a cabeça e os pés de Jesus pouco antes da Paixão, num gesto de fina cortesia, muito oriental (Jo 12,3).

Além deste esclarecimento, é interessante frisar que o Evangelho nunca disse que Maria Madalena fosse uma prostituta ou que tivesse uma vida leviana. Aliás, afirma de facto algo muito pior. Diz que, *dela, Jesus tinha expulsado sete demónios* (Lc 8,2). Isto é muito sério. Bem sabemos que o número sete —na linguagem bíblica— significa *muitos*, uma multidão. Pois é isto que dela nos diz São Lucas.

É, sem dúvida, algo terrível. Só o podemos compreender se tivermos consciência de que o demónio —como ensina a Bíblia— é, acima de tudo, o *pai da mentira*, do orgulho e do ódio. Como deve ter sido espantosa a vida dessa pobre mulher! Um poço de ódio, de raiva, de desconfiança, de mentira, de rancor... Pode haver sofrimento maior? Um verdadeiro inferno! Uma mulher incapaz de amar, incapaz de alegrar-se, incapaz de vibrar com a verdade, de admirar a beleza e de saborear o bem; incapaz de perdoar, incapaz de sorrir com carinho para os outros...! Porque um coração afastado de Deus e entregue ao diabo —ao pecado— é como um poço escuro e fundo. Lá não pode penetrar um raio de luz divina. A pessoa chega a tornar-se incapaz de acreditar que o amor, a beleza e a bondade existam. Só conhece as trevas em que se afunda...

A tristeza no fundo do coração

Esse “poço escuro”, estas “trevas”, são o retrato da tristeza que há hoje em dia no fundo de muitos corações. Corações eternamente insatisfeitos, pessoas que podem cantar, gritar, possuir, experimentar, dançar, agitar-se, embriagar-se de álcool, sexo, drogas e emoções radicais, mas que por dentro estão sombriamente vazias. Vivem instaladas no “coração das trevas”. E, mesmo sem o saberem, procuram, procuram. Percebem que lhes falta o essencial, algo que passaram a vida buscando sem o encontrar. Sentem-se como alguém que se esfalfou tentando apanhar a água da fonte com um recipiente furado.

Atormenta-as, então, uma ânsia de infinito que as queima por dentro, mas que nenhum tesouro do mundo e nenhuma loucura do mundo e nenhum prazer do mundo conseguem satisfazer... Pode-se dizer que estão torturadas por uma *esperança distorcida*, por um infinito desejo de felicidade, que corre expectante atrás do vazio. É

lógico que essa esperança distorcida termine no desespero. O fundo do fundo da vida delas é a *ausência...*, é o *vazio...*, e morrem sem saber porque nunca foram felizes.

E, no entanto, o porquê é claro: elas sofrem da ausência de Deus! Essas pessoas —como Madalena antes de encontrar Jesus— não sabem que o seu mísero coração está a gritar aquelas palavras de um poema de Tagore: “Tenho necessidade de Ti, só de Ti! Deixa que o meu coração o repita sem se cansar. Os outros desejos que dia e noite me envolvem, no fundo, são falsos e vazios. Assim como a noite esconde na sua escuridão a súplica da luz, na escuridão da minha inconsciência ressoa este grito: «Tenho necessidade de Ti, só de Ti!». Assim como a tempestade está à procura a paz, mesmo quando golpeia a paz com toda a sua força, assim a minha revolta bate contra o teu amor e grita: «Tenho necessidade só de Ti!».”

O encontro que tudo mudou

Assim estava Maria Madalena, quando um belo dia —de surpresa— Jesus a foi buscar. Não conhecemos os detalhes. Só sabemos que Jesus teve compaixão dela, e dela *expulsou sete demónios*, como recordávamos acima. Podemos imaginar o que deve ter sentido aquela alma, ao encontrar-se livre do Maligno e inundada pelo dom da graça, conduzida por Jesus à descoberta deslumbrante de Deus? Que deve ter sentido quando experimentou —quicá pela primeira vez na vida— a pureza e a grandeza do Amor, pois, como diz São João, *Deus é Amor* (1 Jo 4,8).

Encontrar Deus, na pessoa de Cristo, foi como sair da asfixia do poço e, de repente, “respirar”, absorver Deus até ao fundo da alma, como uma aragem do Céu que a criava de novo. Madalena passou a ser uma mulher que, pela primeira vez na vida, se apercebeu de como é bela a criação, todas as criaturas, transfiguradas pelo olhar e a presença do Salvador. O seu coração transformou-se numa brasa incandescente, inflamada pelo Amor que se derrama do Céu sobre o mundo através do Coração de Jesus.

É natural que, a partir do dia em que o antigo coração das trevas foi inundado pela fé, pela esperança e pelo amor, começasse a seguir Jesus e a servi-lo, com uma dedicação abnegada e total, como conta o Evangelho, juntamente com outras santas mulheres. Seguir Cristo tornou-se, a partir daquele momento, a razão —toda a razão— da sua existência.

Servir Jesus passou a ser para ela um puro amor, que cumulava de plenitude e sentido o seu pensar, sonhar e viver. Por isso, quando a avalanche de brutalidades da Paixão, o ódio implacável dos inimigos, desabou sobre Cristo e o reduziu a um cadáver ensanguentado na Cruz, Maria Madalena —junto à Mãe do Salvador— agarrou-se à Cruz como quem se agarra à vida.

Viver sem Jesus era para ela —como para todos os corações que encontraram Cristo de verdade— a vertigem de um vazio de morte. Esta é a Madalena que vemos chorar junto do sepulcro do Senhor. Esta a razão de que só pense em buscar *o meu Senhor* (Jo 20,13).

O reencontro da vida

Enquanto estava assim, desolada, o Evangelho descreve-nos uma cena deliciosa: *Chorando, inclinou-se para olhar dentro do sepulcro. Viu dois anjos vestidos de branco...*

*Eles perguntaram-lhe: “Mulher, por que choras?” Ela respondeu: “Porque levaram o meu Senhor, e não sei onde o puseram.” (Jo 20,13). Para a suplicante Madalena, a “procura”, encarnava nesses momentos aquelas palavras do profeta Isaías: *A minha alma desejou-Te, meu Deus, durante a noite e, dentro de mim, o meu espírito procurava-Te* (Is 26,9). Assim buscava a Jesus.*

O Evangelho continua, e dá-nos alegria acompanhá-lo: *Ditas estas palavras, voltou-se para trás e viu Jesus em pé, mas não o reconheceu. Perguntou-lhe Jesus: “Mulher, por que choras? A quem procuras?” (Jo 20,15).* Comove ver Jesus ressuscitado, Jesus em pessoa, indo ao encontro daquela pobre criatura, como o pai que desfruta por dentro ao pensar na surpresa maravilhosa que preparou para o filho. E é muito bonito perceber —para quem conhece e medita o Evangelho— que, depois da ressurreição, Jesus se mostra mais humano ainda, se possível, do que quando andava com os seus pelos caminhos da Galileia e da Judeia. Torna-se mais próximo, afectuoso, acessível. E aparece com uma nova carga de alegria: “diverte-se”, por assim dizer, alegrando os seus amigos com atitudes cheias de “bom humor”, de um divino e delicioso bom humor.

Para captar isso, basta continuar a acompanhar esse diálogo do Senhor com Madalena. *Quem procuras?* —pergunta-lhe Jesus—, e ela, *supondo que fosse o jardineiro, respondeu: “Senhor, se tu o tiraste, diz-me onde o puseste, para eu o ir buscar”.* Cristo não quer prolongar mais a aflição, e manifesta-se abertamente: *Disse-lhe Jesus: “Maria!”* O Evangelho aqui balbucia, só sabe repetir a exclamação que saiu daquela Maria estremecida de gozo, com os olhos arregalados e o coração prestes a explodir: *Voltando-se ela, exclamou em hebraico: “Raboni!”*, que quer dizer “Mestre!”... Nesse momento exacto, Jesus a olha-a com ternura e “nomeia-a” a sua primeira mensageira da fé, da alegria da Ressurreição: *“Não me retenhas... Vai ter com os meus irmãos e diz-lhes: Subo para meu Pai e vosso Pai, meu Deus e vosso Deus.”* *Maria Madalena correu* (realmente, nesse dia, não parou de correr...) *para anunciar aos discípulos que tinha visto o Senhor e contou o que Ele lhe tinha dito* (Jo 20,15-18).

A partir desse momento, para Madalena a vida voltava a ser Vida, com maiúscula. O futuro era radiante: o reencontro com Jesus encheu de novo o vazio da alma com a luz cálida e inextinguível da esperança.

A chegarmos a este ponto, será bom reflectir e perguntar-nos: “Será que, pensando nos vazios que eu sinto com frequência, a lição da Madalena não me diz nada?” Qualquer vazio, qualquer amargura, é uma *ausência*: a ausência de Deus. Pode ser a terrível ausência provocada pelo pecado, pelos *sete demónios*, mas pode ser também a ausência de uma alma boa que perde Deus de vista, fica morna na fé, e acha então inexplicáveis muitas tristezas que a atormentam e que têm uma perfeita explicação: são a ausência do “amor” de Deus na alma, são a frieza de quem tem Jesus ao lado (está sempre ao nosso lado, procura-nos sempre, como fez com Madalena) e não o vê, são a amargura esquizofrénica de quem se queixa de Deus, justamente no momento em que Deus a ajuda mais... Como Madalena, que pensava que Jesus (aquele Jesus que não reconheceu) lhe tinha roubado Jesus... Não acontece algo disto conosco?

Sim, acontece. Diante de muitas dificuldades, lutas ou cruces que Deus nos envia para o nosso bem, pensamos de forma tonta que Deus nos abandonou ou que se afastou de nós. Que retirou a sua mão e não nos ajuda com a sua graça. E é quando está mais próximo.

Gravemos bem a lição das lágrimas e do júbilo de Maria Madalena. Convençamo-nos, profundamente, de que toda a tristeza, toda a amargura, toda a revolta, no fundo,

é uma *ausência* de Deus (maligna ou benigna, mas nunca boa). Por isso, decidamo-nos a procurar a Deus, a procurar Jesus com toda a nossa alma, como Madalena: com a mesma determinação com que ela o procurou. —“Onde está?” —diremos a nós mesmos— e responderemos com a decisão de aumentar o nosso aprofundamento na fé, a nossa leitura, e meditação do Evangelho, e das riquezas da doutrina cristã... E, se nos perguntarmos: —“Como encontrá-lo?”, deveremos responder: —“Como Madalena, que busca, pergunta, procura e não pára até o encontrar, ou seja, como Jesus nos ensinou: rezando, pedindo, orando sem cessar, pois a sua promessa não falha: *Eu digo-vos: Pedi e dar-se-vos-á; buscai e achareis; batei e abrir-se-vos-ão.*”

2. EMAÚS: A DECEPÇÃO E A ESPERANÇA

Dois homens tristes ao entardecer

O Evangelho de São Lucas, no seu capítulo 24 (13-35), faz-nos contemplar de perto, de uma maneira muito viva, dois homens que —na tarde do próprio dia da Ressurreição de Jesus— voltam para casa, cabisbaixos e decepcionados: os discípulos de Emaús.

Nesse mesmo dia —diz São Lucas—, dois discípulos caminhavam para uma aldeia, chamada Emaús, distante de Jerusalém sessenta estádios — cerca de doze quilômetros. Iam falando um com o outro sobre tudo o que se tinha passado. Aquilo que se tinha passado era, nada mais nada menos, a paixão e a morte de Jesus, a “derrota” estrondosa de Cristo às mãos dos seus inimigos, enquanto as multidões, que cinco dias antes, no domingo de Ramos, o haviam aclamado entusiasmadas, vociferavam com ódio: Crucifica-o! Crucifica-o!

Podemos imaginar, por isso, qual era o seu estado de ânimo. Confusos, deprimidos, desorientados, conversavam como quem não consegue acreditar que tivesse sido possível aquele afundar-se dos seus sonhos. Assim andavam quando Jesus se aproximou e caminhava com eles; mas os olhos estavam-lhes como que vendados e não o reconheceram.

São Josemaría Escrivá oferece-nos uma descrição cálida da aparição de Jesus ressuscitado a esses discípulos: “Caminhavam aqueles dois discípulos —escreve— em direção a Emaús. Andavam a passo normal, como tantos outros que transitavam por aquelas paragens. E ali, com naturalidade, aparece-lhes Jesus e caminha com eles, numa conversa que diminui a fadiga. Imagino a cena, bem ao cair da tarde. Sopra uma brisa suave. Em redor, campos semeados de trigo já crescido, e as oliveiras velhas, com os ramos prateados à luz tibia”. São palavras poéticas que nos ajudam a fazer meditação, sentindo-nos dentro da cena, participando dela “como mais um personagem”.

Ouçamos, pois —enquanto os acompanhamos—, as primeiras palavras que o Senhor lhes dirige: “*De que vínheis falando pelo caminho, e por que estais tristes?*” O diálogo que se travou é digno de ser meditado. Primeiro, como pessoas frustradas, os discípulos respondem de mau humor, num tom ríspido: *Um deles, chamado Cléofas, respondeu-lhe: “És tu acaso o único forasteiro em Jerusalém que não sabe o que nela aconteceu nestes dias?”*... É como se dissesse, meio admirado e meio irritado: “*Todo a gente sabe. Como é que não ouviu contar? Só você ignora o que se passou?*”

Que ironia! Dirigem-se a Jesus de forma rude, lançando-lhe à cara a sua ignorância a respeito da tragédia... do próprio Jesus! Tudo isto seria cómico, se não fosse dramático. Mas nosso Senhor, como em todas as cenas da ressurreição, mostra-se especialmente afável e bem-humorado para com eles. Ousaria dizer que até foi propositadamente divertido. Fazendo-se de ingénuo, pergunta-lhes: “*Que foi? Que houve?...*” Assim quer ajudá-los a abrir o coração, como, aliás, Ele deseja fazer connosco sempre que nos vê desanimados ou tristes: “*Eu estou aqui —diz-nos—. Fala comigo*”.

E eles abriram-se mesmo. Despejaram o vinagre da sua decepção. Falaram ao caminhante desconhecido sobre um tal Jesus de Nazaré, *profeta poderoso em obras e*

palavras diante de Deus e de todo o povo, comentando os acontecimentos trágicos da quinta e da sexta-feira santas, e contaram-lhe como tinha acabado pregado na Cruz. Depois, confessaram a sua tremenda frustração: Nós esperávamos que fosse ele quem havia de restaurar Israel, e agora, depois de tudo isto, já é o terceiro dia em que estas coisas sucederam.

Um erro de esperança

Esse era o mal que lhes corroía a alma: *Nós esperávamos*. Tinham colocado toda a sua esperança no Senhor. Tinham apostado nele. Por isso o tinham seguido, por isso tinham abandonado os seus planos pessoais, o aconchego do lar, tudo, tinham jogando a vida numa só cartada: a esperança de que Jesus fosse o poderoso Rei-Messias anunciado pelos Profetas, que triunfaria sobre todos os inimigos e se assentaria no trono do Reino de Israel, restabelecendo-o para sempre. Ninguém lhes tinha contado ainda que, em plena Paixão, Jesus declarara inequivocamente a Pilatos: *O meu Reino não é deste mundo...*

No entanto, eles, quase com certeza, já lhe tinham ouvido dizer: *O Reino de Deus está dentro de vós...* E também tinham escutado muitas das *parábolas do Reino*, que falavam, por meio de expressivos simbolismos, não de um reino terreno, político, mas de um Reino de graça, de paz e de amor que cresce dentro dos corações, nas famílias, nas sociedades, como o trigo que germina de noite e de dia; como o grão de mostarda que é pequenino e se torna numa grande árvore; como o fermento invisível que a mulher põe na massa de farinha e a fermenta toda... Ou como um Pai que perdoa o filho fugitivo, e um Pastor que procura a ovelha perdida e que é, ao mesmo tempo, o Rei-Deus que nos convida a participar do seu banquete de amor eterno...

Poderíamos definir com exactidão o engano dos discípulos de Emaús —tal como o de muitos discípulos de Cristo actualmente— como um grande “erro de esperança”. Aí esteve a sua falha. Tinham esperança, sim, mas era uma “esperança equivocada”, não era a virtude cristã da esperança. Como consequência, estavam irremediavelmente fadados à decepção e ao fracasso, como quem dispara uma flecha para o alvo errado, ou dirige um veículo fora da estrada, que, quanto mais rápido vai, mais perto está do desastre.

Assim são muitas mulheres e muitos homens de hoje. O seu mal é a visão deturpada da esperança: esperam o que não devem, e esperam mal. Os exemplos são inúmeros: falsas esperanças amorosas, falsas esperanças profissionais, falsas esperanças de glória e triunfo, falsa confiança nas riquezas...

Onde está o erro? A resposta é simples. Espera mal quem espera qualquer coisa diferente da Vontade de Deus a seu respeito, qualquer coisa —por mais grande e empolgante que seja— que esteja fora dos planos que Deus preparou e deseja para ele. Então, sucede a estas pessoas o que Jesus dizia aos fariseus: *Frustraram o desígnio de Deus a seu respeito* (Lc 10,30). A vida deles tornou-se um plano divino traído, frustrado, que Deus não pode reconhecer como seu, e tem que lhes dizer: *Não vos conheço* (Mt 25,12).

É importante perceber que as pessoas *não* ficam frustradas “principalmente” por não terem alcançado os seus desejos, os seus sonhos. Na realidade, muitas das piores frustrações são as daqueles que de facto alcançaram estes desejos e sonhos (“Já estou na faculdade, já tenho emprego, já me casei, já sou rico”), mas depois percebem que

nada disso lhes enche as medidas, não lhes traz a felicidade. Homens e mulheres ficam frustrados “principalmente” porque —sem sequer darem por isso— não atingem o ideal para o qual foram criadas por Deus, ou seja, por não terem sido fiéis à sua vocação de filhos de Deus, e por isso —desculpem uma expressão rude— a vida delas, em vez de alcançar o desenvolvimento e maturidade de um filho que cresce, foi como um aborto. Fora do que Deus espera de nós, tudo é um triste aborto provocado... por nós!

Pensemos, por exemplo, nos casamentos fracassados. A maioria deles afundou-se porque marido e mulher “esperaram mal”. O que é que espera a maioria dos noivos, quando vão para o casamento? Sem dúvida, amar e ser felizes. Mas amar, como? Serem felizes, como? Muitos só pensam em “receber” muito carinho do outro, paciência, compreensão, todo o aconchego para se “sentirem bem” realizando os seus próprios gostos e caprichos, os seus prazeres, e até as suas manias. Poucos pensam em *dar e dar-se generosamente* para o bem do outro e dos filhos, em construir uma família com abnegação generosa e desprendimento alegre, felizes por fazerem felizes os outros. Ou seja, não pensam no verdadeiro amor, no autêntico amor-doação, no único que pode trazer a felicidade.

Por isso, quando chega a hora da verdade e aparecem as inevitáveis dificuldades— estas com as quais Deus conta para nos purificar e amadurecer—, não compreendem que estas dificuldades são *apelos para se darem mais, para amarem mais, para dialogarem mais*, e não para irritações, más caras, resmungos ou gritos; que é a hora da compreensão, e não a da imposição; que é a hora de escutar com humildade, e não a de “ter razão”... Infelizmente, não compreendem isto. E então vai tudo por água abaixo. Não foram ao casamento preparados para o verdadeiro amor, mas para “consumir” satisfações (tal como “consomem” os outros prazeres da vida). É lógico que acabem por dizer, tal como os discípulos de Emaús: “Nós esperávamos outra coisa”...

É preciso abrir os olhos da alma, com a ajuda de Deus, e compreender que a vida não é uma laranja para chupar e cuspir, que os outros não são uvas para comer e deitar fora os caroços, que Deus não é um “seguro protector de egoísmos”, e que os outros não são “bens desfrutáveis”. Viver e ser feliz é coisa infinitamente maior do que “usufruir”!

A virtude da esperança

Qual é, então, a verdadeira esperança cristã? É a confiança firme, nascida da fé viva que nos diz que viveremos envoltos no amor de Deus aqui na terra —em todas as circunstâncias e vicissitudes de cada dia— e, depois, eternamente no Céu. Tudo o que conduz a isto é bom. Tudo o que afasta disto é mau. Tudo o que conduz a isto acaba em felicidade —já aqui na terra—, e tudo o que afasta disto leva à tristeza, e até —Deus não o permita— pode levar ao tormento eterno.

O *Catecismo da Igreja Católica* é muito claro naquilo que diz sobre a esperança: “A esperança é a virtude teológica pela qual desejamos como felicidade o Reino dos Céus e a Vida Eterna, pondo a nossa confiança nas promessas de Cristo, e apoiando-nos, não nas nossas próprias forças, mas no socorro da graça do Espírito Santo... A virtude da esperança responde à aspiração de felicidade colocada por Deus no coração de todos os homens; assume as esperanças que inspiram as actividades dos homens; purifica-as para as ordenar ao Reino dos Céus; protege contra o desânimo; dá alento em todo o esmorecimento; dilata o coração na expectativa da bem-aventurança eterna. O impulso

da esperança preserva do egoísmo e conduz à felicidade do amor” (nn. 1817 e 1818). São textos preciosos, que dariam para meditar durante horas.

A grande lição dos discípulos de Emaús

Voltando à cena dos discípulos de Emaús, vale a pena prestar atenção ao que Cristo lhes disse, quando terminaram o seu desabafo de desiludidos. Nosso Senhor começou a falar-lhes de modo claro, incisivo, sem rebuços, com palavras que tiveram o efeito de lancetar-lhes o tumor de cepticismo que lhes corroía o coração: *“Ó gente insensata e lenta de coração para acreditar em tudo o que anunciaram os profetas! Porventura não era necessário que o Cristo sofresse todas estas coisas e assim entrasse na sua glória?”* E começando por Moisés, e percorrendo todos os profetas, explicava-lhes o que dele se achava dito em todas as Escrituras, ou seja, as inúmeras profecias que falavam da sua Paixão. Jesus desvendou-lhes, assim, com um jacto de luz divina, o plano da Trindade para a salvação do mundo, uma salvação que havia de ser realizada pelo máximo acto de Amor imaginável: a entrega do Filho de Deus na Cruz para a redenção dos nossos pecados.

Foi na Cruz, com efeito, onde o Filho de Deus —Deus feito Homem, encarnado por nós— atingiu o cume máximo do Amor, e com esse amor ilimitado, envolveu, compensou, purificou e superou todos os nossos desamores, todos os nossos pecados. Como fruto do seu sacrifício, derramou sobre nós a graça do Espírito Santo —o fogo do Amor divino em pessoa—, e abriu-nos de par em par as portas do Céu.

Quer dizer que aquilo que Cléofas e o companheiro lamentavam como uma desgraça (a paixão e a morte de Cristo), foi, na realidade, a maior maravilha de toda a história da humanidade, o maior bem do mundo, o maior motivo de alegria de todos os séculos! *Insensatos!* — disse-lhes Jesus. Sim, *insensatos* os que não vêem isso e vão atrás de sombras, de falsas aparências!

Enquanto Jesus ia falando pelo caminho, os corações dos dois caminhantes foram mudando. Um novo calor os invadiu, uma faísca de esperança se acendeu neles. *Aproximaram-se da aldeia para onde iam, e Jesus fez menção de seguir adiante. Mas eles forçaram-no a parar: “Fica connosco, já é tarde e o dia declina”.*

É uma bela oração para nós fazermos, quando começarmos a sentir a proximidade de Jesus: *“Fica connosco! Não nos deixes, queremos estar contigo, queremos ter-te como amigo, queremos abrir-te a alma. Fica!”* E além disto, nós percebemos claramente que já se nos faz tarde, que a vida passa, que a vida acaba, sim, *já é tarde e o dia declina*. Olha, Senhor, que gastámos boa parte deste “dia”, que é a vida, entre falsas esperanças e verdadeiras frustrações. Precisamos de Ti. Por favor, fica, que só em Ti se encontra a esperança...

Com Cristo, o coração arde

Então —continua a contar São Lucas—, *entrou com eles, e sucedeu que, estando sentados à mesa, ele tomou o pão, abençoou-o, partiu-o e serviu-lho. Então abriram-se-lhes os olhos e reconheceram-no..., mas ele desapareceu. Diziam então um ao outro: “Não é verdade que o nosso coração ardia dentro de nós enquanto ele nos falava pelo caminho e nos explicava as Escrituras?”*

Tudo, nesta belíssima cena dos discípulos de Emaús, é espelho e modelo para nós. Bem dizia São Josemaría Escrivá: “Caminho de Emaús, caminho da vida”... Quando nos entristecer a falta de sentido de tantas coisas, e sobretudo, quando nos acabrunharem as decepções que parecem amontoar-se e afogar a esperança, façamos como os discípulos de Emaús: Primeiro, abramos a alma a Deus (às vezes, a melhor maneira de abri-la é fazer uma confissão muito sincera).

Depois, escutemos as suas palavras, meditemos a Sagrada Escritura — especialmente os Evangelhos— com calma, com carinho, deixando que as palavras de Deus penetrem na alma como a chuva na terra. Elas mostrar-nos-ão que o que nos parece mau muitas vezes é bom, que a Cruz —que julgamos ser uma porta que se nos fecha e nos deixa num beco sem saída— na realidade é uma porta que se abre, para que entremos num mundo melhor, de mais amor, de mais bondade, de mais pureza, de mais virtude.

Em terceiro lugar, acolhamos Jesus em casa, na casa da nossa alma, recebendo-o sempre dignamente na Eucaristia, na Comunhão, que é a união com Deus mais íntima que a criatura humana pode ter nesta terra: Jesus em nós, Jesus nosso alimento, Jesus sangue do nosso sangue e vida da nossa vida!

E por fim, a alegria. O coração desanimado, que estiolava e murchava, agora *arde dentro de nós*, e inflama-nos com uma nova esperança. Vemos um novo sentido para a vida, iluminada pela fé e pelo amor de Cristo, e temos necessidade de correr ao encontro dos outros, para contagiá-los com a nossa esperança, tal como fizeram os discípulos de Emaús depois de Jesus os deixar.

Lição de fé, lição de amor, lição de esperança. Vêm a calhar as palavras com que São Josemaría começava uma homilia sobre a esperança: “Há já bastantes anos, com a força de uma convicção que crescia de dia para dia, escrevi: *Espera tudo de Jesus; tu nada tens, nada vales, nada podes. Ele agirá, se nele te abandonares*. Passou o tempo, e essa minha convicção tornou-se ainda mais vigorosa, mais profunda. Tenho visto, em muitas vidas, que a esperança em Deus acende maravilhosas fogueiras de amor, com um fogo que mantém palpitante o coração, sem desânimos, sem decaimentos, embora ao longo do caminho se sofra, e às vezes se sofra deveras”.

Isto foi o que aconteceu com os discípulos de Emaús. Com o coração inflamado pela esperança, desfizeram o caminho dos desertores, voltaram a reunir-se com os Apóstolos e as santas mulheres no Cenáculo e participaram da alegria que — ainda no meio de sombras e hesitações— começava a alastrar entre eles e que anunciava, mesmo que muitos ainda não o percebessem plenamente e continuassem ainda feridos pelo temor, um futuro de esperança pelos séculos dos séculos, até ao fim do mundo: “*O Senhor ressuscitou verdadeiramente!...*” Esta é a grande verdade! A esperança cristã acabava de nascer com a ressurreição de Cristo, e já não morreria nunca mais.

3. MEDO E ESPERANÇA

O medo dos Apóstolos, depois da Paixão

Os Evangelhos de São Lucas e São João mostram ao vivo, com detalhes cheios de sugestão, o estado de ânimo dos Apóstolos, ao anoitecer do dia da Páscoa, quando eram cada vez mais intensos —e confusos— os rumores dos que diziam que tinham visto Jesus vivo (Cf. Lc 24,36-49 e Jo 20,19-23).

Jesus ressuscitado acabava de estar com os discípulos de Emaús. Estes, quando Jesus os deixou, voltaram a correr, afogueados, a Jerusalém —ao Cenáculo— para contar a todos a grande notícia: como o tinham encontrado no caminho e como o tinham reconhecido ao partir o pão (Cf. Lc 24,35).

Os Apóstolos (todos, menos Judas, já morto, e Tomé, que estava ausente), e mais alguns discípulos —mulheres e homens—, acolheram-nos agitados, alegres e, paradoxalmente, ainda perplexos. Já eram vários os que falavam de que Cristo vivia — *Ressuscitou, diziam, e apareceu a Simão!*—; já se lhes ia acendendo no coração, como uma chama vacilante, a esperança, mas o sentimento dominante na maioria ainda era o *medo*. E é sobre este medo que agora vamos meditar. Pode dar-nos luzes boas, a nós que também conhecemos esta chama vacilante que oscila entre o medo e a esperança.

Que nos conta o Evangelho? São João, falando deste fim de tarde do Domingo da Páscoa, começa por dizer que, *ao anoitecer do mesmo dia, que era o primeiro da semana, os discípulos tinham fechado as portas do lugar onde estavam, por medo dos judeus* (Jo 20,19). Esta é a primeira coisa que comenta, para nos situar no ambiente: estavam trancados no Cenáculo, naquele *quarto de cima* (Cf. Lc 22,12) onde Jesus instituíra a Eucaristia, porque *tinham medo*: temiam, e com razão, que os mesmos que tinham acabado com Jesus quisessem acabar com eles, seus discípulos. Quem não teria medo de sofrer a mesma sorte do Mestre, odiado, perseguido e crucificado? A verdade é que todos nós, nas mesmas circunstâncias, sentiríamos a mesma coisa.

Mas, por mais que compreendamos e desculpemos os discípulos, não devemos esquecer que esse medo surgiu e cresceu sobre um *vácuo de esperança*, uma falha que poderia não ter existido, e que, por isso, desagradou a Nosso Senhor. Se não fosse assim, Jesus teria sido injusto ao recriminar, primeiro aos de Emaús e depois a todos eles, o facto de terem sido obtusos e lentos em acreditar no que Ele próprio lhes dissera pelo menos em três vezes, muito claramente: que *era necessário que o Filho do Homem padecesse muitas coisas* (Mc 8,31), que *era necessário que fosse levado à morte e que ressuscitasse ao terceiro dia* (Lc 9,22).

Por que estais perturbados?

São Lucas, por sua vez, diz que, enquanto os de Emaús ainda falavam com os outros no Cenáculo —estando as portas bem trancadas—, *Jesus apresentou-se no meio deles e disse-lhes: “A paz esteja convosco!”*. *Perturbados e atemorizados* [o medo continuava], *pensavam que viam um espírito* [tão longe estavam de ter certeza da Ressurreição]. *Mas Ele disse-lhes: “Por que estais perturbados e por que surgem tais dúvidas nos vossos corações?”* (Lc 24,36-38).

Como é humano o Evangelho! Como num filme realista, mostra-nos os pobres Apóstolos aturdidos pela surpresa inaudita de verem Jesus no meio deles. Era algo tão fantástico, que lhes parecia impossível, e tremiam de medo de que não fosse verdade, de que seus sonhos tornassem a cair outra vez no chão, desfeitos, como lhes acontecera nas horas trágicas da Paixão.

Por isso, Jesus, cheio de carinho e de compaixão por aquelas crianças-grandes, meio perdidas, deu-lhes provas capazes de “arrasar” quaisquer dúvidas, para que vissem que tudo era verdade e abrissem as portas da alma, para que nela entrasse a alegria. *“Porque surgem —disse-lhes— tais dúvidas nos vossos corações? Vede as minhas mãos e os meus pés: sou Eu mesmo. Apalpai e vede, que um espírito não tem carne nem ossos, como verificais que Eu tenho”.* Dizendo isto, mostrou-lhes as mãos e os pés (Lc 24,38-40).

E eles, vendo-o, tiveram uma reação tão humana! Como a da mãe, que recupera o filho que julgava perdido, e, de tão feliz, nem consegue acreditar que aquilo seja verdade; custa-lhe a crer que possa haver neste mundo uma alegria tão grande! Diz o Evangelho: *E como, na sua alegria, não queriam acreditar, de tão assombrados que estavam, Ele perguntou-lhes: “Tendes aí alguma coisa que se coma?” Então, ofereceram-lhe um pedaço de peixe assado; e, tomando-o, comeu diante deles* (Lc 24,41-43).

É maravilhosa esta cena. Ver Cristo glorioso a comer um pedaço de peixe assado à frente de todos! Como olharia para eles, enquanto comia! Como eles o olhariam estupefactos, vendo-o comer! Não falta nesta cena aquela ponta de alegria bem-humorada que caracteriza Jesus após a Ressurreição. Como Jesus é humano! E como é divino, na grandeza do seu Amor!

O medo bom e o medo mau

Vale a pena aprofundarmos um pouco no que esta cena da Ressurreição nos sugere a respeito do medo e da esperança. Quem conhece o Evangelho, sabe que Jesus falou várias vezes aos Apóstolos sobre o medo. Poderíamos lembrar várias passagens.

Talvez a mais interessante, porém, seja aquela em que Jesus deu aos Apóstolos uma bela lição, para que aprendessem a “ter medo” correctamente, a ter um medo “bom”, coisa que não é nada fácil. Porque pode-se ter *um medo bom ou um medo mau*, um medo certo ou um medo errado. Esta lição, deu-a Jesus numa ocasião em que estava a falar da Providência de Deus nosso Pai. Explicou-lhes, então, com carinho: *Digo-vos a vós, meus amigos: não tenhais medo daqueles que matam o corpo e depois disso nada mais podem fazer. Eu vos mostrarei a quem deveis temer: temei aquele que, depois de matar, tem o poder de lançar no inferno; sim, eu vo-lo digo: temei a este* (Lc 12,4-5).

A seguir, tranquilizou-os, dando-lhes a certeza de que podiam esperar tudo da bondade de Deus, de tal modo que a esperança vencesse sempre o temor: *Não se vendem cinco pardais por dois vinténs? E, no entanto, nem um só deles passa despercebido diante de Deus. Até os cabelos da vossa cabeça estão todos contados. Não temais, pois. Vós valeis mais do que muitos passarinhos* (Lc 2,6-7).

É importante não perder de vista os "dois medos" de que Jesus fala: o que um filho de Deus não deve ter e o que todos *devemos* ter.

Há uma coisa comum a todos os medos: o receio de perder algo que amamos. Santo Tomás de Aquino, com muita acuidade, diz que “todo o temor nasce do amor”. E Santo Agostinho, mais poético, diz que o medo é “o amor em fuga” (o amor que quer

fugir daquilo que lhe pode roubar o seu bem, ou seja, aquilo que ama). Assim, quem ama o dinheiro e acha que é o maior *bem* da sua vida, tem pavor de perder o dinheiro. Quem ama muito a esposa ou o marido e os filhos —o seu maior *bem* na terra—, treme com medo de os perder. E quem ama a Deus sobre todas as coisas teme mais do que tudo perdê-lo eternamente (este é o *santo temor de Deus*).

Quer dizer que os nossos medos são como que a sombra dos nossos amores. Se eu descubro o que é que mais temo perder, perceberei o que mais amo na vida. Isto faz-me lembrar aquele delicioso braço-de-ferro que se deu entre São Luís, rei da França, e o chefe do seu exército, Joinville, senescal da Champagne, contado por este último na sua crónica biográfica sobre o santo rei.

São Luís disse certa vez a Joinville que preferia cem vezes ficar leproso a cometer um só pecado mortal. Joinville, muito franco e destravado, replicou dizendo que preferia cometer cem pecados mortais antes que ficar leproso. E São Luís ficou tão aflito que naquela noite não dormiu e, no dia seguinte, chamou Joinville e, muito mansamente, fez-lhe ver que a lepra acaba quando morre o corpo, mas que o pecado mortal pode acompanhar a alma no inferno por toda a eternidade.

É exactamente neste sentido que Jesus nos diz que não temamos o que nos pode fazer perder os *bens efémeros*, e, pelo contrário, temamos o que nos pode fazer perder os *bens eternos*.

Os bens efémeros e os bens eternos

Normalmente, nós fazemos o contrário do que Jesus nos ensina. Horroriza-nos perder a saúde corporal, mas não nos horroriza perder a saúde espiritual (o pecado mortal, que tanto preocupava São Luís da França). Os pais, com frequência, fazem como Joinville; pensam que, para o filho, é cem vezes pior o risco de não entrar na faculdade do que o risco de não entrar no Céu. Por isso, acham importantíssimo que estudem horas e horas —o que está certo—, mas não ligam se os filhos não dedicam a Deus sequer a hora semanal da Missa, e não se confessam nem uma vez por ano, e não levam minimamente a sério o sexto e o nono mandamento da Lei de Deus.

E, no entanto, os bens efémeros sempre nos deixam o coração angustiado, porque, mesmo quando parecem mais seguros, inquieta-nos o medo de os perder, uma vez que todos eles são bens que mudam ou podem mudar (por exemplo, a fortuna ou a amizade), que morrem ou podem morrer (amigos, parentes, nós mesmos), que enganam ou podem enganar (qualquer ser humano, pecador como nós, pode iludir-nos), que frustram ou podem frustrar (como muito sonhos conquistados que depois nos decepcionam)... Por isso, é loucura pôr neles *todas as esperanças* da vida!

Todos sabemos —apesar de que procurarmos não pensar nisso— que a doença, o desemprego, a falência, a perseguição, a morte, todo o tipo de “contrariedades” e “desgraças” nos podem roubar estes bens. Mas esquecemos que ninguém —a não ser nós mesmos— nos pode roubar os bens eternos, se nos esforçamos por viver no amor de Deus.

Quem nos separará do amor de Cristo? —dizia São Paulo, num santo desafio.— *A tribulação? A perseguição? A fome? A nudez? O perigo? A espada? [...] Mas, em todas essas coisas somos mais que vencedores pela virtude daquele que nos amou.* E conclui dizendo que não existe poder nem força nos céus, na terra e nos abismos que nos possa

separar do amor de Deus em Cristo Jesus Senhor nosso (Cf. Rom 8,35-39). Só o nosso pecado!

É um grande cântico à esperança este de São Paulo! Foi deste teor o que entoaram os mártires, espoliados e desenganados de tudo na terra, mas que caminhavam para a morte cantando, com a esperança de receberem o abraço eterno de Deus.

Entendemos o que são os “bens eternos”?

Vamos pensar um pouco mais, e descobriremos um panorama ainda mais belo. Começemos por nos perguntar: quais são os *bens eternos*?

Numa primeira resposta, imediata, diríamos: a Vida eterna, o Céu, que é a visão e a posse amorosa de Deus —supremo Bem e soma de todos os bens— para sempre. E talvez acrescentássemos que também são bens eternos as coisas que nos santificam e nos encaminham para o Céu, como a oração, as Confissões e Comunhões bem feitas, os sacrifícios e penitências oferecidos a Deus com sinceridade e devoção.

Tudo isto é verdade, mas, se ficássemos só nisto, não teríamos chegado a entender o que Cristo nos ensinou. Neste sentido, são muito esclarecedoras as seguintes palavras de Jesus: *Não junteis para vós tesouros na terra, onde a ferrugem e a traça os corroem, onde os ladrões furtam e roubam. Juntai para vós tesouros no Céu, onde nem a traça nem a ferrugem os consomem, e os ladrões não furtam nem roubam* (Mt 6,19-20).

Cristo fala-nos de ir *juntando*, ao longo da vida, muitos *tesouros* no céu, que jamais nos serão roubados, que não serão efémeros, mas *eternos*. E quais são esses *tesouros*? Todos os nossos pensamentos, palavras, acções, iniciativas, empreendimentos, trabalhos, divertimentos, conversas, alegrias, etc., etc., que —praticados por nós com a alma em estado de graça— estiverem de acordo com a vontade de Deus, e forem marcados pela rectidão e, sobretudo, pelo amor a Deus e ao próximo.

É muito esclarecedor o que Jesus diz sobre o grande valor que pode ter um simples copo d'água: *Todo aquele que der ainda que seja somente um copo de água fresca a um destes pequeninos, por ser meu discípulo, em verdade vos digo, não perderá a sua recompensa* (Mt 10,42). Quer dizer que tudo o que for bom e recto, tudo o que não for egoísta, por pequeno que seja, se é vivido com amor (a Deus e aos nossos irmãos) passa a ser um *bem eterno*, que a morte não poderá levar. Jesus frisa especialmente as boas obras, as obras de misericórdia feitas em favor dos necessitados: *Tive fome e destes-me de comer, tive sede e destes-me de beber [...] Todas as vezes que o fizestes a um destes meus irmãos mais pequeninos, a mim o fizestes*. É bonito perceber que, vivendo assim, agindo rectamente, com coração grande, tornamos pelo amor eterno tudo aquilo que fazemos!

De facto, se vivêssemos desta forma, que medo poderíamos ter? É inevitável, certamente, o *medo psicológico instintivo* (pura reacção emocional), que nos acomete diante de um perigo, um assalto, uma doença grave, uma incerteza... Mas o cristão pode superar esse temor graças à virtude da esperança, coisa que o descrente não pode fazer. Pode superar isto, porque a esperança cristã (virtude teologal) nos garante, com absoluta certeza, duas coisas:

Primeira, que Deus é tão bom que *faz concorrer tudo para o bem daqueles que o amam* (Rom 8,28), absolutamente tudo.

Segunda, que, se lhe formos fiéis, o sorriso de Cristo aguarda-nos, por assim dizer, junto da porta escancarada da casa do Pai, para nos oferecer uma felicidade

indestrutível, eterna, um Amor sem limite e sem fim. *Eu vou preparar-vos um lugar... Quero que onde estou, estejais vós comigo... Vinde, benditos de meu Pai, tomai posse do Reino que vos está preparado desde a criação do mundo* (Cf. Jo 14,2-4; Jo 17,24; Mat 25,34).

Aconteça o que acontecer, pois, se tivermos fé, esperança e amor (ou seja, se formos cristãos), perceberemos que Jesus está sempre ao nosso lado e sempre nos diz: *A paz esteja convosco; sou Eu, não tenhais medo* (Cf. Lc 24,36.38-39). É lógico, portanto, que, ao meditarmos sobre o mistério da Páscoa, demos graças a Jesus porque, com a sua Ressurreição, conquistou para nós a vitória sobre o medo, porque substituiu o nosso medo pela grande esperança, essa belíssima virtude, que é o perfume e o incentivo da alma dos que ainda caminhamos na terra rumo à Casa do Pai.

4. RESGATANDO SÃO TOMÉ

Coração valente

São Tomé é uma figura que costuma ser apresentada como símbolo do cepticismo. Até há uma frase feita: “Ver para crer, como Tomé”. E, no entanto, Tomé é um dos personagens mais comoventes do Evangelho. Vamos procurar compreender, nesta meditação, que, em boa parte, Tomé é um injustiçado. Como seria na realidade Tomé? Que nos diz dele o Evangelho?

Para começar o “resgate” de Tomé (que resgata os bons exemplos que nos dá), é preciso dizer que, dele, sabemos uma coisa certa: foi um dos idealistas que, *deixando todas as coisas*, seguiram Jesus. Portanto, confiava em Jesus, acreditava nele —senão, não teria deixado tudo e apostado nele—; além disso, tinha-lhe amor, pois ninguém se entrega nas mãos de uma pessoa que lhe é indiferente; e era generoso.

Logicamente era humano, e, portanto, tinha fraquezas como aliás todos os Apóstolos, como todos nós. Mas, antes da Paixão de Jesus, o Evangelho mostra-nos nele mais fortaleza do que fraqueza. Refiro-me àqueles momentos críticos —pouco antes da Paixão—, em que Jesus já era perseguido de morte em Jerusalém e teve de retirar-se para além do Jordão, juntamente com os Apóstolos, porque ainda *não tinha chegado a sua hora*. O que lá aconteceu é tocante...

Naquele lugar retirado, Jesus recebeu o recado de Marta e Maria, pedindo-lhe que fosse de novo a Jerusalém (a Betânia, pertíssimo de Jerusalém), porque seu irmão Lázaro estava muito doente: *Senhor, aquele que amas está enfermo*. Jesus, no entanto, deixou-se ficar ali ainda dois dias. Mas, de repente, disse: *Voltemos para a Judeia*. Isso assustou os discípulos: *Mestre —disseram-lhe—, há pouco os judeus queriam apedrejar-te, e voltas para lá?* Jesus não ligou, e disse-lhes abertamente que Lázaro já tinha morrido, *mas —acrescentou— vamos ter com ele*. Todos ficaram gelados, pensando que aquilo era meter-se na boca do lobo...

Todos menos um! Tomé! Só ele, cheio de coragem, foi capaz de dizer aos seus condiscípulos: *Vamos também nós, e morramos com ele!* Estava disposto a morrer com Jesus, por Jesus. Como vemos, no coração de Tomé não há nada de cobardia, nem de dúvidas, nem de vacilações.

Coração sincero

E há ainda um outro traço do carácter de Tomé que o Evangelho destaca. Tomé era um homem que era sincero e gostava da objectividade. Não era daquele tipo de homens que são “objectivos” só para pôr dificuldades, desculpar-se e dizer que não dá (“sou realista”, dizem; e, na realidade, são pessimistas ou comodistas). Ele gostava da objectividade para entender melhor as coisas e, assim, poder agir melhor e resolver melhor os assuntos. Isto não diminuía minimamente a fé que tinha em Jesus. Tomé *unia a fé ao realismo*, um binómio excelente em si mesmo..., mas que pode desequilibrar-se, e então torna-se perigoso (como já veremos). É algo que fica bem claro na Última Ceia.

Naquela noite da Quinta-feira Santa, Jesus despedia-se dos seus discípulos, e consolava-os com infinita ternura dizendo-lhes: *Não se perturbe o vosso coração*. Na

casa de meu Pai há muitas moradas...; vou preparar-vos um lugar. Depois de ir e vos preparar um lugar, voltarei e tomar-vos-ei comigo... E vós conheceis o caminho para onde eu vou. Neste ponto interveio Tomé, com a sua franqueza um pouco brusca, mas cheia de confiança em Jesus: *Disse-lhe Tomé: Senhor, não sabemos para onde vais. Como podemos saber o caminho?* Jesus não levou a mal essa pergunta nem a achou indelicada.

Pelo contrário, tomou ocasião dela para dizer umas palavras que ficarão para sempre gravadas no coração do cristão: *Jesus respondeu-lhe: “Eu sou o caminho, a verdade e a vida; ninguém vai ao Pai senão por mim”.*

Mas houve um outro momento crucial, em que este realismo franco de Tomé... falhou. Foi depois dos acontecimentos perturbadores da Paixão, quando Jesus já tinha ressuscitado (e daqui vem a “má fama” de Tomé).

Vejamos o que aconteceu. Na tarde do domingo de Páscoa, em que Jesus apareceu aos Apóstolos no Cenáculo, *Tomé — diz o Evangelho — não estava com eles.* Ou seja, não viu Jesus. Provavelmente, chegou bastante mais tarde, naquela noite, ou então só voltou à casa no dia seguinte. Podemos imaginar que chegou ao Cenáculo triste, com olheiras de pouco dormir e o ricto amargo na boca de muito sofrer. Pois bem, mal acabava de subir a escada até ao segundo andar — *a sala de cima* —, quando os outros que lá estavam se lhe atiraram em cima, agitados, dizendo: *Vimos o Senhor!*

Pobre Tomé! Aquela enxurrada de entusiasmo, totalmente inesperada, caiu-lhe como um golpe de malho na cabeça. Deixou-o atordoado. Eu imagino-o de olhos arregalados, assustado com a estranha euforia dos outros, balbuciando: “Estão loucos! Vocês perderam o juízo?” E o bom Tomé, o sofrido Tomé, o franco Tomé, de repente embirrou. A sua tendência para o realismo e a objectividade saiu dos eixos, extrapolou em casmurrice e desequilibrou-se: *Mas ele replicou-lhes: Se não vir nas suas mãos o sinal dos pregos, e não puser o meu dedo no lugar dos pregos, e não introduzir a minha mão no seu lado, não acreditarei!* Teimou, e não havia modo de fazê-lo sair desta atitude fechada.

O amor que faz duvidar

Vemos nessa atitude só um defeito? Será que não poderíamos pensar que era tão grande o carinho de Tomé por Jesus, que não aguentava pensar sequer na possibilidade de que houvesse um engano? Não tinha coragem para deixar que a sua esperança subisse a mil por hora como um foguete, na crença de que Jesus vivia, para depois cair vertiginosamente e desfazer-se no chão, na decepção. E se tudo não passasse da histeria dos amigos?

Não esqueçamos que, às vezes, a alegria dá medo. Temos tanto receio de embarcar numa alegria grande que depois nos possa decepcionar! Por isso, quando desejamos muito, muito mesmo, uma coisa que nos promete enorme alegria, temos a tendência instintiva de começar a pensar nas coisas “más” que poderão acontecer: vai surgir um imprevisto, vai falhar à última hora, vou chegar atrasado, não vai funcionar...

Isso pode explicar a reacção negativa de Tomé. No entanto, é preciso reconhecer que houve mesmo uma falha. De facto, Jesus teve de corrigi-lo... E, do erro dele, Nosso Senhor quis que nós aprendêssemos. Ele retira sempre o bem de tudo, mesmo do mal.

Em que consistiu o seu erro? Naquela hora decisiva, faltaram-lhe a fé e a esperança sobrenaturais. Tomé quis ser tão realista, tão terra-a-terra — para se garantir —, que só via o que tinha debaixo dos pés e na ponta do nariz. Isto é o que

acontece com todos os que se chamam a si mesmos “realistas”, gente com “os pés na terra”, “experientes” e “que conhecem a vida”..., e esquecem-se de que a coisa mais “realista” que há no mundo é a presença viva de Deus, o seu poder e a sua ação amorosa... e muitas vezes inesperada e desconcertante.

Um realismo que se torna pessimismo

É interessante observar que todos os pessimistas se chamam a si mesmos de realistas e desprezam os “sonhadores” (assim chamam aos que vivem da fé), como se fossem ingênuos ou tolos. Felizmente, nós cremos no *Deus da esperança*, e por isso somos necessariamente otimistas.

Cristo quer, sem dúvida, que vivamos uma vida realista, mas contando com o “factor” mais real de todos, que é Ele e a força assombrosa do seu amor e da fidelidade às suas promessas. Assim o expressa, de maneira maravilhosa, a Carta aos Hebreus: *A fé é o fundamento das coisas que se esperam, é uma certeza a respeito do que não se vê. Foi ela que fez a glória dos nossos antepassados.* A falta desta fé no amor e nas promessas de Deus traz consigo a falta da esperança que a fé deveria gerar. Este foi o motivo da repreensão afectuosa que Jesus deu a Tomé. E deu-a com razão, pois Tomé não soube pôr toda a sua fé nas promessas anteriores de Cristo —*voltarei a vós...., ao terceiro dia o Filho do homem ressuscitará...*—; e não deu crédito ao testemunho dos outros Apóstolos que, por ser unânime, merecia confiança.

Mas a repreensão de Jesus, como todas as suas palavras e actos, é uma grande luz para a nossa alma. Vejamos o que diz o Evangelho:

Oito dias depois (da aparição aos Apóstolos no dia da Páscoa), *estavam os seus discípulos outra vez no mesmo lugar e Tomé com eles. Estando trancadas as portas, veio Jesus, pôs-se no meio deles e disse: “A paz esteja convosco”...* Podemos imaginar a cara de espanto do nosso Tomé... O seu coração deve ter batido com força, quase que a rebentar-lhe o peito, quando Jesus se dirigiu pessoalmente a ele. *Depois, Jesus disse a Tomé: “Mete aqui o teu dedo, e vê as minhas mãos. Põe a tua mão no meu lado, e não sejas incrédulo, mas homem de fé!”* E, apanhando a mão de Tomé, fez como estava a dizer.

A reacção de Tomé, caindo em lágrimas aos pés de Jesus, foi esplêndida: *Respondeu-lhe Tomé: “Meu Senhor e meu Deus!”* Ele, que tinha duvidado, acabou por fazer o maior acto de fé até então pronunciado por qualquer dos Apóstolos: um acto de fé absolutamente explícita, luminosa, na *divindade de Cristo: Meu Deus!* E Jesus encerrou a questão, pensando em nós, em todos os que haveríamos de ser os seus discípulos, no decorrer dos séculos: *Porque me viste, acreditaste. Felizes aqueles que acreditam sem terem visto!*

O lado luminoso da lição de Tomé

É como se, com as palavras que dirigiu a Tomé, Cristo nos perguntasse: “Acreditas realmente em mim?” Se acreditas, sabes esperar as coisas que *não se vêem*, que só se *prevêem* com a fé, sabes esperar nas coisas que Deus quer, mas que os “realistas” chamam “impossíveis?” Vale a pena lembrar o que escreve São Paulo: *Porque pela esperança é que fomos salvos. Ora, ver o objeto da esperança já não é esperança; porque o que alguém vê, como é que ainda o espera?*

Deus —por assim dizer— “desafia-nos” a viver de esperança, a saber esperar do seu amor coisas grandes que não vemos, coisas que nos parecem impossíveis, mas que Ele nos quer dar. Mesmo diante das maiores dificuldades, todos podemos dizer com São João: *Nós conhecemos o amor de Deus, e acreditamos nele.*

O “realismo” cristão está feito de fé, de audácia e de magnanimidade. *O nosso realismo é a esperança.* Aí está o segredo do optimismo do cristão. É preciso que, aquecidos pela fé, pelo amor e pela esperança, saibamos apontar alto, apontar para coisas grandes, para ambições santas, e confiar plenamente em Deus. A mulher de fé, o homem de fé, confia sobretudo em dois pilares fortíssimos sobre os quais se apoia a esperança cristã: a *obediência a Deus* (fazer o que sabemos que Deus nos pede), e a *oração* (pedir com a fé com que um filho pede a um pai de cujo amor não duvida). Apoiada na obediência e na oração, a nossa esperança ficará, como diz o Livro da Sabedoria, *cheia de imortalidade.*

Há alguns exemplos, no Evangelho, que ilustram isto muito bem. Hoje vamos centrar-nos apenas num deles, que é especialmente claro e tocante.

Generosidade e esperança

Todos nos lembramos, provavelmente, da passagem do Evangelho que narra a primeira multiplicação dos pães. E talvez tenhamos presente a figura encantadora daquele menino —de que fala São João no capítulo sexto do seu Evangelho—, que colaborou com o milagre.

Mais de cinco mil pessoas estavam certa vez em um lugar afastado, escutando a Jesus. Passou o tempo e sentiram fome. Percebendo isto, o Senhor disse aos Apóstolos que lhes dessem de comer. Mas como poderiam fazê-lo? Não havia nem pão nem dinheiro para comprá-lo. De repente, André apareceu trazendo pela mão um rapaz, o qual estava, ao mesmo tempo, feliz e meio intimidado: “Eu posso dar —assim deve ter dito o menino a André— cinco pães de cevada e dois peixes”. Ao vê-lo, Jesus sorriu, pegou os pães e os peixinhos, e deu a entender a todos que tudo estava resolvido. Mandou sentar na relva a todos, pediu aos Apóstolos que repartissem os cinco pães e os dois peixes e... comeram todos à vontade e ainda sobraram doze cestos! Um milagre apoiado num “impossível”, numa oferenda pequena, mas cheia de amor, de generosidade...

Não é clara a mensagem? Cristo —com este milagre— diz-nos: “Não desanimes se achas que não tens meios para resolver os problemas, para sair de uma situação de pecado, para ajudar um filho ou um amigo, se achas que não tens capacidade para aliviar as necessidades de tantas pessoas que carecem de tudo e sofrem; ou para fazer apostolado; ou que não tens forças para adquirir determinadas virtudes. Tem confiança em mim, e faz da tua parte o que puderes, ainda que seja pouco...; mas que seja realmente *tudo o que puderes*, tal como o menino que deu tudo o que tinha. O resto — acrescenta Jesus— é comigo.

Concluindo esta meditação, não vemos que o maior e melhor realismo do mundo é ter fé e confiança em Deus? As pessoas que actuam “como se Deus não existisse, ou não visse, ou não amasse” caem na e mais trágica falsificação da *realidade*. As pessoas que ainda não perceberam que a oração é infinitamente mais forte que a energia atómica e que o poder quase ilimitado do dinheiro, estão fora da realidade. As pessoas que não percebem que a maior garantia de que receberão os dons de Deus é obedecer

a Deus —obedecendo ao seu Evangelho e à sua santa Igreja— não são objectivas. Nunca nos deixemos nunca dominar —ainda que a nossa vida atravesse por momentos muito difíceis— por uma visão acanhada e míope. Peçamos a Tomé que nos ajude a ser os “realistas da esperança”, que com certeza ele nos acudirá. Tem experiência...

5. ROTINA E AMOR

Um trabalho cansativo e inútil

Há uma cena encantadora, no final do Evangelho de São João (Jo 21, 1 ss.), que hoje nos vai ajudar a meditar sobre a nossa vida, a pensar diante de Deus, concretamente, no sentido do nosso dia-a-dia, que tantas vezes nos parece monótono e cinzento.

Trata-se de uma cena de pesca, de um facto que aconteceu depois da ressurreição de Cristo, quando os Apóstolos, a pedido de nosso Senhor, já tinham subido de Jerusalém para a Galileia. Aí, certo dia, encontravam-se juntos cinco deles (Pedro, Tomé, Bartolomeu ou Natanael, Tiago e João e outros dois cujo nome não se menciona). Estavam novamente à beira do lago de Genesaré, palco que fora do seu trabalho profissional e também lugar de encontros inesquecíveis com Jesus.

Foi ao cair da tarde. Pedro, disse aos outros: *Vou pescar*, e assim o fizeram: *partiram e entraram na barca. Naquela noite, porém, não pescaram nada*. Após uma noite de esforços inúteis —lançar a rede, recolhê-la vazia!—, voltavam para a praia em silêncio, como antigamente já lhes acontecera (cf. Lc 5, 5), e seus corações estavam tão cinzentos como a cor das nuvens do ante-amanhecer.

O coração inundado pela neblina cinza e triste de um trabalho inútil! Essa é a cor de muitos corações, quando sentem o peso da *rotina dos dias*: sempre o mesmo trabalho, sempre os mesmos lugares, sempre as mesmas caras, sempre o mesmo trânsito, sempre as mesmas reclamações da mulher, sempre os mesmos mutismos e alheamentos do marido, e os mesmos problemas dos filhos, e a mesma dor de coluna, e a mesma falta de dinheiro... Isto dia após dia, e mês após mês, e ano após ano... As pessoas sentem-se envolvidas por esta *rotina* como por um gás asfixiante, e pode chegar um momento muito perigoso, que é quando pensam: “Não suporto mais, isto assim não é vida”.

A solução será “mudar”?

Muitos acham, então, que a solução consiste em “mudar” (mudar de cidade, mudar de mulher ou de marido, mudar de trabalho, mudar de religião, mudar os hábitos certos e passar a ter vida desregrada). Ou então “desligam” de tudo e de todos, e passam a viver num mundo de sonhos, de fantasias (divagações de internet e tv), de saudades..., que, por serem evasões, facilmente desembocam na pior fuga, na alienação completa do álcool e das drogas.

Santo Agostinho, o coração inquieto que não se conformava com as coisas confusas e medíocres, dizia: “Eu temia tanto como à morte ficar preso ao hábito rotineiro” (*Et tamquam mortem reformidabam restringi a fluxu consuetudinis*). Mas não resolveu o problema fugindo, e sim arrependendo-se dos seus pecados e procurando Deus com toda a sua alma.

Todos deveríamos ter pavor tanto da rotina asfixiante como da falsa solução da fuga... Porque o problema da rotina —contrariamente ao que a maioria das pessoas pensa— não está na *repetição* monótona das ações e das circunstâncias externas, mas

na falta de *renovação* do nosso coração, do nosso modo de ver e amar as coisas e as pessoas. O mal está *exclusivamente dentro de nós*, queiramos ou não reconhecer o facto.

É muito sugestiva, em relação a isto, aquela história que conta Chesterton sobre o inglês que se sentia entediado de morar sempre na mesma ilha, e por isso foi à procura de outra terra, a terra dos seus sonhos. Viajou muito. Todos os países onde aportava não o satisfaziam. Já se estava cansando de tanto viajar, quando avistou uma terra que o atraiu extraordinariamente. Aproximou-se dela, desembarcou, começou a internar-se no território e logo chegou, cheio de entusiasmo, à conclusão: “Esta é a terra dos meus sonhos, a que sempre andei à procura!” Ao perguntar a um dos habitantes onde estava, este respondeu-lhe: “Em Inglaterra”.

Algo de parecido sucede connosco. Não precisamos de ir em busca de outras “ilhas”. Basta ficarmos na nossa —na nossa vida real—, mas vendo-a e vivendo-a com frescor de novidade. Isto é o que Jesus nos ensina. Voltemos, então, à nossa cena da pesca.

Jesus na luz do amanhecer

O Evangelho, após falar da pesca infrutífera, continua a contar: *Ao nascer do dia, Jesus apresentou-se na margem, mas os discípulos não o reconheceram. Jesus disse-lhes então: “Rapazes, tendes alguma coisa que comer?”*. É tocante verificar que Jesus ressuscitado se apresenta aos Apóstolos humano, afectuoso, familiar, não com uma majestade gloriosa e distante. Fala familiarmente: *Rapazes!* Pergunta se têm algo que se possa comer. Ele quer mostrar-nos que, depois da ressurreição (agora, portanto!), deseja viver junto de nós como um amigo muito próximo, compreensivo, humano, inseparável...

Mas, como acontece connosco, sucedeu que os discípulos, com uma grande miopia espiritual, não perceberam que Jesus estava lá, sempre junto deles, e continuaram soturnos e tristonhos. Podemos imaginar o tom de aborrecimento com que devem ter respondido, incomodados, a Jesus: —“*Não!* Não temos nada para comer”. E acho que nosso Senhor —rei e senhor de toda a alegria— se divertiu, humana e “divinamente”, quando lhes disse: *Lançai a rede ao lado direito da barca e encontrareis*. Aconteceu o que já imaginamos: uma pesca milagrosa, abundantíssima. *Lançaram a rede e, devido à grande quantidade de peixes, já não tinham forças para a arrastar*. Jesus não faz as coisas pela metade...

Ao ver aquele milagre, João disse a Pedro: “*É o Senhor!*” João, o *discípulo amado*, foi o primeiro a ter sensibilidade para perceber que aquele desconhecido era Jesus, e avisou o “patrão” da barca, Pedro. E o bom Pedro, o Pedro emotivo e impulsivo que todos conhecemos, “agiu como Pedro”: *Simão Pedro, ao ouvir que era o Senhor, apertou o cinto da túnica, porque estava sem mais roupa, e lançou-se à água*. Não pôde esperar que a barca chegasse à terra. Lançou-se de cabeça à água, ansioso por chegar a Jesus quanto antes! Pouco depois chegaram os outros na barca, arrastando a rede cheia.

E o que encontraram? Prestemos bem atenção. Vocês acham que encontraram um Jesus hierático, sentado numa cátedra de marfim, dizendo-lhes: “Vamos deixar-nos de coisas banais, materiais, agora que me reconheceram, e vamos falar do que importa: de coisas celestiais, de coisas elevadas, só das coisas espirituais, as únicas que contam”?

Pensam que foi assim? É claro que não! Todos sabemos que foi muito diferente. Vejamos o que diz o Evangelho.

Ao saltarem em terra, viram umas brasas preparadas e um peixe em cima delas, e pão. Disse-lhes Jesus: “Trazei aqui alguns dos peixes que agora apanhastes... E depois: Vinde comer”. E pronto! Lá ficaram sentados em roda, à volta da fogueira que o próprio Jesus acendera, sentindo o cheiro delicioso de peixe fresco assado —que Jesus já tinha começado a preparar, muito diligentemente, com as suas próprias mãos—, e repartindo pedaços de pão e comendo como um alegre grupo de amigos num piquenique de “fim de semana”...

Jesus ama o corrente, o quotidiano

Jesus fez questão de valorizar, de mostrar como é importante o corrente, o quotidiano. Eu tenho um conhecido que até chorava de emoção ao pensar nesta cena: “Você —dizia— não percebeu como é maravilhoso? Cristo uma pessoa corrente! O Filho de Deus, uma pessoa corrente!” Esse meu amigo alegrava-se justamente ao perceber o carinho com que Cristo vê e valoriza a nossa vida diária, as pequenas coisas da vida, que às vezes nos parecem tão longe dos grandes ideais, e concretamente tão longe do ideal cristão de Amor e de santidade... E esquecemos que Jesus passou trinta anos vivendo com amor a “rotina do dia-a-dia”, no lar de Maria e José, tendo uma vida normal, discreta e simples, de família, de trabalho..., sendo, como se lê no Evangelho, *o carpinteiro, o filho do carpinteiro...* E aquilo era a “vida do Deus feito homem”, cheia, portanto, de grandeza divina, de santidade. Com ela estava a redimir-nos, estava a salvar-nos.

Se reflectirmos um pouco, perceberemos que esta cena de Cristo que pesca juntamente com os discípulos, e prepara o almoço, e toma a refeição com os amigos, e conversa com eles à beira do lago, tudo isto é um símbolo do que deveria ser cada um dos nossos dias. Também nós podemos acordar cada manhã (pensemos na manhã da segunda-feira mais cinzenta de todas), e —se nos tivermos lembrado de rezar e oferecer o nosso dia a Deus—, poderemos ver, com a luz da fé, que Jesus está junto de nós e nos diz: “Vamos começar o dia juntos, vamos trabalhar juntos, vamos tratar bem os outros, vamos fazer do corrente, do quotidiano, uma aventura de Amor...”.

Seria tão bom que conseguíssemos ser cristãos que rezam, que se lembram com fé de Deus durante o dia inteiro! Bastaria, para isso, às vezes, trazer um crucifixo no bolso, ou um terço, e rezar as orações que amamos, também pela rua; e dizer muitas breves jaculatórias —do tipo “Jesus, eu amo-te! Jesus, dá-me um coração como o teu!”— no trânsito, ao iniciar uma tarefa, e morder os lábios para não insultar, ou resmungar, ou falar mal dos outros.... Se conseguíssemos conversar com Cristo até dos detalhes mais triviais, certamente que se acenderia uma luz nova no nosso coração e, com essa luz, veríamos de uma maneira “nova” todas as coisas que, com Ele, nunca ficam gastas, puídas, aborrecidas ou rotineiras. Compreenderíamos então porque Jesus nos diz: *Eis que eu faço novas todas as coisas* (Ap 21,5).

O “santo do quotidiano”

Há uma doutrina cristã maravilhosa, que São Josemaría Escrivá, como instrumento de Deus, proclamou com uma clareza e uma força tão grandes, que acendeu chamas de

alegria e de amor em milhares de pessoas comuns — cristãos “correntes” — em todo o mundo. A missão que Deus lhe confiou consistia em contribuir para que os cristãos correntes, que vivem no meio do mundo, compreendessem “que a sua vida, tal como é, pode vir a ser ocasião de encontro com Cristo: quer dizer, que é um caminho de santidade e de apostolado. Cristo está presente em qualquer tarefa humana honesta: a vida de um simples cristão — que talvez a alguns pareça vulgar e insignificante — pode e deve ser uma vida santa e santificante”.

E como conseguir viver esse ideal? São Josemaría mostrava o caminho: “Fazei tudo por amor — dizia —. Assim não há coisas pequenas: tudo é grande. — A perseverança nas pequenas coisas, por Amor, é heroísmo”. E aplicava esta doutrina — que é inspirada no Evangelho e em São Paulo (*se não tiver amor, nada me aproveita...: 1 Cor,13,3*) — a todas as coisas quotidianas boas e normais: podemos sorrir, por amor, quando não temos vontade mas os outros precisam “da nossa boa disposição”; podemos acabar, por amor, um trabalho que gostaríamos de interromper por cansaço; podemos colocar a roupa no seu lugar, oferecendo este sacrifício a Deus, em vez de atirá-la para cima da cama ou para o chão; podemos rezar as orações que nos propusemos, ainda que nos custe concentrar-nos, porque não queremos tirar a Deus, com desculpas de cansaço (que não teríamos para ver um jogo de futebol ou para assistir à telenovela) estes momentos que são para Ele...

São Josemaria Escrivá, quando estava nesta terra, ajudava as pessoas — e também agora continua a ajudá-las lá do Céu — a converter, com a graça de Deus, todos os momentos e circunstâncias da vida em ocasião de amar e de servir, com alegria e com simplicidade, e iluminar assim os caminhos da terra com o resplendor da fé e do amor. Para os que se propõem seriamente viver assim, a rotina é impossível. O amor e o desejo de servir fazem ver tudo como uma oportunidade única, inédita, de *dar* (amar é dar) algo a Deus e aos nossos irmãos. Feito com carinho, tudo se torna “novo”...

Lembro-me agora de um episódio de há muitos anos. Fui certa vez comprar figuras para o presépio a um artesão — um verdadeiro artista — e pedi-lhe uma figura igual a outra que ele tinha lá numa prateleira do atelier. Respondeu-me rotundamente que não. Perguntei: “Mas não conserva o molde?” Ao ouvir essas palavras, levantou-se indignado, como se eu o houvesse ofendido, e gritou: “Molde!... Molde!... Eu não tenho moldes. Cada figura é única e irrepetível!”... Se cada um dos nossos dias fosse assim, sem “moldes” rotineiros, sem ser uma “feito em série”, que maravilha...!

Neste sentido é que Mons. Escrivá dizia: “Não o esqueçamos nunca: há *algo* de santo, de divino, escondido nas situações mais comuns, algo que a cada um de nós cabe descobrir... Deus espera-nos em cada dia: no laboratório, na sala de operações de um hospital, no quartel, na cátedra universitária, na fábrica, no escritório, no campo, no seio do lar e em todo o imenso panorama do trabalho”. “A vocação cristã consiste em transformar em verso heróico a prosa de cada dia”.

E ao falar disso, insistia com especial ênfase na santificação do trabalho. Incutia nas almas o ideal de realizar o trabalho por amor a Deus e com o empenho de servir ao próximo: trabalho bem feito, acabado, cuidado nos detalhes, digno de ser colocado *no altar do coração* e oferecido juntamente com Jesus-Hóstia na Santa Missa. Toda a vida do cristão se converteria assim numa Missa. É a isso que todos nós deveríamos aspirar.

Já imaginámos como o mundo seria diferente se, ao terminar cada um dos nossos dias e fazer as nossas orações à noite, pudéssemos dizer: — “Amanhã vou começar um outro dia, uma nova etapa da minha «vida diária». Mas desta vez não o vou encarar de

forma aborrecida, suspirando e dizendo: «mais um dia». Não! Com a graça de Deus, vou entrar nele com a luz que Jesus acendeu no meu coração, e direi, com alegria: «Hoje começa mais um dia, novinho em folha, ainda por estrear. Hoje apresenta-se-me mais uma ocasião de amar e de servir. Vou-me esforçar —rezando, mantendo o mais possível a presença de Deus— por conseguir que o meu amor introduza novidades belas, atitudes renovadoras, na minha rotina de todos os dias”.

6. AS LÁGRIMAS DE SÃO PEDRO

Pedro ficou triste

Uma das cenas mais tocantes do relato evangélico sobre as aparições de Jesus ressuscitado é a do diálogo que Cristo manteve com Pedro, enquanto caminhavam à beira do lago de Tiberíades (João, 21, 15 ss.).

Sete dos discípulos de Jesus — conta São João —, enquanto esperavam na Galileia o encontro que Cristo lá tinha marcado com eles (cf. Mc 16,7), foram pescar no lago, como tantas vezes o tinham feito em anos anteriores. *Naquela noite, porém, nada apanharam*. Começavam a voltar para a praia, quando avistaram, na vaga luz do amanhecer, uma figura imprecisa. Não é agora o momento de comentar em detalhe toda essa belíssima passagem do Evangelho, que ocupa todo o capítulo 21 de São João. Baste-nos lembrar que a “figura” avistada era Jesus, que Cristo se dirigiu logo a eles com afecto, orientou-lhes a pesca e realizou um milagre; depois, sentados na praia, tomou com eles uma refeição de peixe assado e pão, e inundou-lhes o coração de ternura e alegria.

Tendo eles comido, Jesus perguntou a Simão Pedro: “Simão, filho de João, tu amas-me mais do que estes? Respondeu ele: “Sim, Senhor, tu sabes que te amo”... Três vezes repetiu esta pergunta amorosa. Podemos imaginar os sentimentos de Pedro, que por três vezes tinha negado Jesus durante a Paixão. O apóstolo, com certeza, não esperava estas palavras. Talvez aguardasse apenas uma manifestação explícita de que, apesar de seu grave pecado, Nosso Senhor já o perdoara. Jesus, porém, lembrou-lhe indirectamente, delicadamente, suas três negações. Se porém mexeu, ao de leve, na sua ferida, foi apenas para a ungir com o bálsamo do carinho e da esperança.

Não há dúvida de que a pergunta de Jesus — os três pedidos de amor e a confiança com que o confirmou em sua missão — trouxe à memória de Pedro aqueles momentos amargos da Paixão em que negara uma e outra vez conhecer Cristo, e declarara enfaticamente nada querer saber dele. Como lhe doeu depois na alma ter sido tão cobarde, tão egoísta, capaz de renegar Jesus e até de falar mal dele, para salvar a sua própria pele.

Naquela noite triste, Cristo estava no pátio da casa do sumo sacerdote, preso, manietado, com as faces roxas de pancadas e sujas de escarros e a alma dilacerada por insultos e calúnias, e muito precisado de carinho, de consolo, de amizade... E foi justamente nesta noite Pedro o rejeitou, negou conhecê-lo e disse não ter nada a ver com ele. Mas, ao mesmo tempo, foi uma noite muito bonita. É comovente lembrar-se que, depois da terceira negação, quando o galo já tinha cantado — como Jesus predissera —, diz São Lucas que, *voltando-se o Senhor, olhou para Pedro. Então Pedro lembrou-se da palavra do Senhor: “Hoje, antes que o galo cante, me negarás três vezes”. E, saindo para fora, chorou amargamente* (Lc 22, 62).

Pobre Pedro! Como deve ter sido aquele olhar de Jesus sofredor! Nele não houve nada de recriminação, nada de ressentimento. Estava apenas a dizer a Pedro com os olhos: “Eu amei-te com predileção e, apesar de tudo o que acabas de fazer, continuo a amar-te, pobre amigo, pobre filho meu”. Era um olhar de *misericórdia*, que é a expressão mais bela e profunda do amor que Deus nos tem, “amor mais forte do que a morte —

diz João Paulo II—, mais forte do que o pecado”. E acrescenta ainda: “São infinitas a prontidão e a força do perdão de Deus. Nenhum pecado humano prevalece sobre esta força, nem sequer a limita” (Enc. *Dives in misericordia*, n. 83). Será que percebemos a enorme fonte de confiança, a inesgotável fonte de esperança que é, para o pecador — para todos nós, que somos pecadores—, a misericórdia de Deus? É tão imensa, tão incrível, que nos desarma.

Pois bem. Foi isso o que aconteceu com Pedro depois daquele olhar de Jesus. Lembrou-se então, com certeza, do momento em que Jesus o escolhera para ser seu Apóstolo, o chefe dos Apóstolos, a pedra fundamental da sua Igreja (cf. Jo 1, 40-42). Lembrou-se do imenso oceano de cuidados, compreensão, afecto, paciência, ensinamentos e ajudas que Jesus lhe tinha dispensado ao longo dos três anos em que tinham andado juntos; compreendeu que tinha sido objecto de um carinho imenso, que, mesmo que quisesse, não teria como pagar... E, naquela noite de dores, Jesus pagava-lhe o pecado, não com um castigo, nem sequer com um olhar de censura ou de rejeição, mas com aquele olhar acolhedor e afectuoso. Por isso, Pedro, saindo fora, chorou, chorou transtornado de pena, chorou desfeito perante a misericórdia de Cristo... Dizem que, durante anos, ainda se lhe notava na face a vermelhidão causada por tantas lágrimas.

Eram lágrimas de amor ardente. Houve outro Apóstolo, que, nas horas da Paixão, também negou, traiu, e se arrependeu —Judas—, mas chorou só de remorso e de raiva, do horror insuportável que lhe causava perceber o pecado que tinha cometido. *Pequei, entregando o sangue de um justo* (Mt 27,4) — gritou; mas não lhe adiantou nada. Não soube confiar na misericórdia de Deus, não foi capaz de acreditar na misericórdia divina, “que —como diz o Papa João Paulo II— sabe tirar o bem de todas as formas do mal existente no homem e no mundo” (Enc. *Dives in misericordia*, n.44). Judas Iscariotes desesperou, *então atirou ao templo as moedas de prata, saiu e foi-se enforcar* (Mt 27,5). Poderia ter sido um grande santo, se tivesse compreendido o coração de Jesus, se tivesse sido humilde...!

Reflexos da misericórdia de Deus

Mas voltemos àquela conversa a sós de Jesus ressuscitado com Pedro, à beira do lago, pois que nos sugere outras coisas belíssimas, além das que já meditámos. Para isso, será bom recordar a cena completa:

Tendo eles comido, perguntou Jesus a Simão Pedro: “Simão, filho de João, tu amas-me mais do que estes?” Respondeu ele: “Sim, Senhor, tu sabes que eu te amo”. Disse-lhe Jesus: “Apascenta os meus cordeiros”. Perguntou-lhe outra vez: “Simão, filho de João, tu amas-me?” Respondeu-lhe: “Sim, Senhor, tu sabes que te amo”. Disse-lhe Jesus: “Apascenta os meus cordeiros”. Perguntou-lhe pela terceira vez: “Tu amas-me?” Pedro entristeceu-se porque lhe perguntou pela terceira vez: “Tu amas-me?”, e respondeu-lhe: “Senhor, tu sabes tudo, tu sabes que eu te amo”. Disse-lhe Jesus: “Apascenta as minhas ovelhas”.

Que vemos aqui? Que verdades sobre Cristo nos mostra esta passagem do Evangelho? São coisas difíceis de expressar, ainda que sejam coisas muito simples.

Todas elas são reflexos da misericórdia de Deus:

– Por um lado, Jesus ajuda Pedro a apagar os seus três pecados com três atos de amor.

– Em segundo lugar, Jesus faz ver a Pedro que, apesar do seu pecado, o considera capaz de ser muito santo, de amar *mais do que todos estes*, mais do que ninguém. Que confiança!

– Terceiro: em vez de depôr Pedro do seu cargo de Pastor e chefe da Igreja, por ter caído tão baixo, Jesus faz questão de o confirmar na autoridade que lhe tinha conferido, para que fosse o primeiro entre todos os Apóstolos (Cf. Mt 16, 18-19). Como vemos, Jesus confirma-o na função de pastor dos cordeiros e pastor das ovelhas, ou seja, pastor dos pastores e pastor do povo fiel, de todo o seu rebanho, que é a Igreja.

Todos estes “reflexos da misericórdia” nos falam da esperança que deve animar a nossa vida de filhos de Deus. O primeiro e o segundo “reflexo” falam sobretudo da confiança que Jesus tem em nós, na nossa capacidade de nos recuperarmos, por mais que tenhamos sido e sejamos pecadores; e também da alegria que Deus “experimenta” quando um pecador — por mais “trapo sujo” que seja— se volta para Ele, arrependido e com amor.

Há um poeta católico francês, Charles Péguy, que captou muito bem a beleza deslumbrante da misericórdia e da esperança que ela suscita. Vale a pena lembrar a passagem seguinte de um de seus poemas:

*“Deus pôs a sua esperança em nós. Foi Ele que começou.
Ele esperou que o último dos pecadores,
que o mais ínfimo dos pecadores,
fizesse pelo menos algum pequeno esforço pela sua salvação,
por pouco, por pobremente que se esforçasse,
que se dedicasse ao menos um pouco a isto.
Ele esperou em nós. Virá a ser dito que nós não esperamos nele?
Deus depositou a sua esperança, a sua “pobre” esperança,
em cada um de nós, no mais ínfimo dos pecadores.
Virá a ser dito que nós, ínfimos, que nós, pecadores,
vamos ser nós a não depositar a nossa esperança nele?”*

É essa riqueza do amor paternal de Deus a que se vê de forma tocante na parábola do filho pródigo. O filho mais novo abandona a casa paterna, comete pecado atrás de pecado, disparate atrás de disparate, e Jesus mostra-nos o seu pai, que simboliza Deus, encostado ao limiar da porta de casa, perscrutando o caminho, na esperança de um dia ver o filho voltar. E quando vê ao longe uma pequena nuvem de pó, o seu coração adivinha o retorno do filho, e quando já se aproxima aquele mendigo empoeirado, o pai já sabe que é ele, e, então, *movido de compaixão, correu-lhe ao encontro, lançou-se-lhe ao pescoço e cobriu-o de beijos* (Lc 15, 20). Bastou ao filho a boa vontade de arrepender-se, de voltar, de abrir o coração para dizer, com doída sinceridade: *Pai, pequei contra o céu e contra ti...*, para ser envolvido por todo o amor do pai.

Quem não sabe dizer *pequei*, esse não sabe dizer *Pai!* Porque só quem descobriu o amor de Pai que Deus nos tem se pode dar conta de como lhe pagou mal tanto amor, de como o esqueceu, de como lhe desobedeceu, de como o ofendeu..., e então pode doer-se por amor, que é o verdadeiro arrependimento, a verdadeira *contrição*. Foi o sentimento que Pedro tinha no seu coração e que Jesus o ajudou a expressar com palavras: *Amas-me? — Amo-te...*

Sem este amor, infelizmente, nem chegamos a reconhecer os nossos pecados. Encontramos uma desculpa para cada um deles, a começar pela desculpa de dizer que nem sequer são pecados, que “eu não cometo pecados”, e assim fechamos o mal dentro

da câmara escura do nosso coração e trancamos a porta à misericórdia de Deus, ao seu perdão.

Mais reflexos da misericórdia

Mas, como víamos, há um segundo ponto. Jesus, na praia, perguntou a Pedro: *Amas-me mais do que estes?* É o segundo acto de confiança de Jesus. O pecador que se arrepende de verdade, por amor, recebe a graça de Deus —normalmente mediante a confissão—, e, se corresponde a esta graça, pode chegar a uns cumes de santidade infinitamente maiores do que os abismos aonde se precipitou com o pecado. É o que aconteceu com Pedro, com Paulo, com Santo Agostinho e com tantos outros. E aí temos outro grande motivo de esperança.

Por isso, não tem espírito cristão uma pessoa que diz: “Eu já pequei tanto, caí tão baixo, fiz tantas barbaridades, que o máximo a que posso aspirar é a obter as duras penas o perdão de Deus e entrar no Céu por uma pequena fresta, como o último da fila, como o “patinho feio”, depois de ter ficado no purgatório até ao fim do mundo...” É uma maneira errada, nada cristã, de ver as coisas.

Isto está claro no caso de Pedro. Mas também fica patente na parábola do filho pródigo. Ao filho pecador que se arrepende, o pai cumula-o de tantos bens e tantas honras, envolve-o em tanta alegria, que provoca a inveja do irmão mais velho, trabalhador, honesto, mas egoísta e mesquinho. *Convinha fazermos uma festa* — responde o pai—, *pois este teu irmão estava morto, e reviveu; estava perdido, e foi encontrado* (Lc 15, 32). Este é o espírito de Jesus: *Digo-vos que haverá mais alegria no céu por um só pecador que fizer penitência do que por noventa e nove justos que não necessitam de arrependimento* (Lc 15, 7).

Sim. Este é o espírito de Jesus. Será que é o nosso? Nós confiamos assim? Somos capazes de arrepender-nos assim? Somos capazes de fazer penitência, por amor, e de mudar com alegria e de recomeçar com vibração? Cristo deixou-nos um meio fácil e acessível: o Sacramento da Penitência, a confissão. Dele diz o Papa João Paulo II, na encíclica que antes citávamos: “Neste Sacramento, todos podem experimentar, de modo singular, a misericórdia, isto é, aquele amor que é mais forte do que o pecado”.

E é também o Papa João Paulo II quem nos diz, com belas palavras: “A conversão a Deus consiste sempre na descoberta da sua misericórdia, do seu amor fiel até às últimas consequências. O autêntico conhecimento do Deus da misericórdia é a fonte constante e inexaurível de conversão” (Cf. encíclica *Dives in misericordia*, nn. 44, 57, etc.)

Uma última reflexão

Mas ainda nos resta dizer alguma coisa sobre o terceiro ponto. Jesus não só perdoa Pedro como o confirma naquela missão da máxima responsabilidade, que é ser o supremo Pastor da Igreja aqui na terra. Também aí a prova de confiança de Jesus é tão grande que dá à nossa esperança vibrações de alegria.

Eu penso que, aplicado a cada um de nós, isto diz-nos que: “Deus espera muito de si, por muito que a sua vida anterior tenha sido um desastre. Não aponte para baixo. Não coloque metas medíocres na sua vida cristã, na sua vida de intimidade com Deus, na sua oração, no seu apostolado, na sua dedicação ao bem material e espiritual dos

seus irmãos. Seja audaz! Aponte para muito alto, pois é aí, nas alturas, que Cristo —que o perdoou e voltará sempre a perdoar, se se arrepender— o espera”.

Aquele poeta antes citado contempla a vida dos filhos de Deus como um caminho ascendente, sempre a subir, a subir, até chegar ao Céu. Ele imagina a fé, a esperança e a caridade como três irmãs, e diz que a esperança é a irmã menor, que parece fraquinha, mas que, na realidade, é aquela que arrasta com força irresistível as outras duas:

*“No caminho ascendente, arenoso, incômodo,
na caminhada ascendente,
arrastada, pendurada dos braços das irmãs mais velhas,
que a levam pela mão,
a pequena esperança avança.
E, no meio, entre as duas irmãs mais velhas, tem o ar de se deixar arrastar,
como uma menina que não tivesse forças para caminhar,
e que fosse arrastada pela estrada contra a sua vontade.
Quando, na realidade, é ela que faz caminhar as outras duas,
E que as arrasta,
E que faz andar toda a gente,
E que a arrasta.*

Força e grandeza da esperança cristã! É uma chama radiante que a ressurreição de Jesus faz arder no mais fundo do coração. O Papa diz que “Cristo ressuscitado é a encarnação definitiva da misericórdia, o seu sinal vivo”. Peçamos ao Senhor que, mesmo que tenhamos a desgraça de traí-lo muitas vezes, nos conceda a graça de não traírmos nunca a esperança, essa fabulosa esperança que Ele ganhou para nós morrendo e ressuscitando, e que a nossa Mãe Maria, *Mãe de misericórdia*, nos ajude a mantê-la como um farol aceso.

7. AMOR NO CÉU E MISSÃO NA TERRA

Um olhar para o futuro

No final do seu Evangelho, São João transcreve o diálogo tocante que Cristo manteve com Pedro: — *Simão, filho de João, tu amas-me mais do que estes?* — *Sim, Senhor, tu sabes que eu te amo!*

Repetindo três vezes a sua declaração de amor, Pedro reparou as suas três negações. Depois disso, Jesus confirmou-o na sua missão de pastor supremo da Igreja e continuou a caminhar e a conversar com ele pela margem do lago de Genesaré. A dado momento, inesperadamente, o Senhor parou e fitou Pedro nos olhos. Antecipando a perspectiva do seu futuro, disse-lhe: *“Em verdade, em verdade te digo: quando eras mais jovem, cingias-te e ias para onde querias. Mas, quando fores velho, estenderás as tuas mãos, e outro te cingirá e te levará para onde não queres”*. Por estas palavras, indicava o gênero de morte com que ele havia de glorificar a Deus. E depois de assim ter falado, acrescentou: *“Segue-me!”* (Jo 21, 15-19).

Assim foi. Durante a perseguição do imperador Nero, Pedro foi preso em Roma pelo “crime” de ser cristão, e, amarrado como um bandido, levaram-no ao patíbulo, onde o crucificaram. O Apóstolo, cheio da fé e da fortaleza que o Espírito Santo lhe infundia, padeceu e morreu serenamente, e —segundo a tradição— teve o detalhe delicado de pedir que o crucificassem de cabeça para baixo, pois se considerava indigno de morrer como o seu Senhor Jesus.

Uma primeira mensagem

Prestando atenção a esta profecia de Jesus, reparamos que nela há *duas mensagens*. Uma encerra-se no modo em que Jesus alude à *morte*. A outra, no é o modo como alude ao *sofrimento*, à *Cruz*. Detenhamo-nos um pouco em ambas. Desde já, é importante perceber que Jesus fala da morte e da dor com tanta naturalidade que é evidente que não pensa que nenhuma das duas seja uma coisa terrível, má. Isto faz pensar.

Mensagem sobre a morte. A própria naturalidade —naturalidade séria e grave, mas serena— com que Jesus fala da morte revela que, para Nosso Senhor, a morte não é nem uma tragédia nem o fim de tudo. Ele mesmo dissera que morrer é passar para a casa do Pai (Cf. Jo 14,2). Quer dizer que a vida nesta terra é apenas um caminho —bem curto, por sinal—; deve ser uma *passagem que encaminha* para a meta definitiva, que é o Céu, a união plena e feliz com Deus e o convívio com os amigos de Deus por toda a eternidade. Este é o verdadeiro fim e destino do homem.

Isto é algo que Pedro, sob a luz da fé e a graça do Espírito Santo, compreendeu muito bem, como se reflecte nesse trecho da sua primeira carta aos fiéis cristãos: *Bendito seja Deus, o Pai de nosso Senhor Jesus Cristo! Na sua grande misericórdia, ele fez-nos renascer, pela ressurreição de Jesus Cristo dentre os mortos, para uma viva esperança, para uma herança incorruptível, incontaminável e inacessível, reservada para vós nos céus.* (1 Pedr 1,3-4).

E, na segunda carta, falando da vocação cristã, diz com serena clareza: *Portanto, irmãos, cuidai cada vez mais de assegurar a vossa vocação [...]. Assim vos será aberta largamente a entrada no Reino eterno de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo* (2 Pedr 1, 10-11).

O triunfo, a realização autêntica da vida é a salvação eterna, é ser santo, é ir para o Céu. *Que adianta —dizia Jesus— alguém ganhar o mundo inteiro, se vier a perder a sua alma* (Mat 16,26).

Sem olhar para a vida eterna, todas as grandezas e conquistas deste mundo são pó e vento que passa. Mais ainda, uma vida carregada de “realizações”, mas virada de costas para Deus, é como um navio ricamente equipado, que navega com cargas valiosíssimas, mas não tem destino, não chegará a porto algum; o seu destino será girar num redemoinho e afundar-se no abismo.

Uma segunda mensagem

A segunda mensagem é a serenidade com que Jesus fala da dor —do martírio de Pedro— como de um bem, considerando-o como um modo de amar e de *glorificar a Deus* (Cf. Jo 21, 19).

O próprio Pedro chegará a ver o sofrimento, sob a luz poderosa da fé e do amor, como um verdadeiro tesouro. Àqueles cristãos do século primeiro, perseguidos de morte pelo Imperador (muitos foram queimados vivos como tochas, quando Nero incendiou Roma), escrevia-lhes dizendo que seus padecimentos eram *a prova a que é submetida a vossa fé, mais preciosa do que o ouro perecível* (1 Ped 1, 7). E exortava-os deste modo: *Alegrai-vos de ser participantes dos sofrimentos de Cristo, para que vos possais alegrar e exultar no dia em que for manifestada a sua glória* (1 Ped 4, 13). Referindo-se ainda a Jesus, acrescentava com palavras tocantes: *Este Jesus que vós amais, sem o terdes visto; credes nele sem o verdes ainda, e isto é para vós a fonte de uma alegria inefável e gloriosa* (1 Ped 1,8).

Ao meditar nesta fé dos que conheceram Cristo e os Apóstolos, causam-nos imensa pena aqueles que são incapazes de entender a grandeza do fim sobrenatural da nossa vida —Deus, o amor que dá sentido a tudo, o Céu— e vivem exclusivamente para o prazer, a ambição e a vaidade: balões ocos, furados, que a morte irá queimar. Só a alma iluminada pela luz do Espírito Santo pode compreender o paradoxo, incompreensível para um materialista, de que amar a Cruz —a *Cruz-amor* de Cristo e do cristão— é o segredo para se ser feliz, não só no Céu, mas já aqui na terra. Mas este é um tema muito profundo, que agora ultrapassa a nossa reflexão. Falta-nos ainda acompanhar a parte final do diálogo entre Cristo e Pedro que estamos a meditar.

Uma passagem alegre e fecunda

Depois das palavras sobre o futuro de Pedro, houve outro diálogo interessantíssimo. O apóstolo Pedro, *voltando-se para trás, viu que o seguia aquele discípulo que Jesus amava* —João, o narrador destas cenas—. *Vendo-o, Pedro perguntou a Jesus: “Senhor, e este? Que será dele?”* Jesus não lhe quis satisfazer a curiosidade, e respondeu-lhe de um modo aparentemente seco: *“Que te importa...? Tu, segue-me!”* (Jo 21, 20-22).

Digo que é aparentemente seco, porque, entre Pedro e Jesus, havia uma confiança grande e afectuosa, difícil para nós de calibrar. Podemos, contudo, imaginar Nosso Senhor com um sorriso meio brincalhão, dizendo a Pedro algo assim: “Agora estamos a falar é tua vida, da tua missão, e da tua entrada no Céu; não estamos a falar da vida dos outros. Cada filho de Deus tem a sua tarefa, a sua vocação própria. Deixa João tranquilo. É claro que também tenho uma missão reservada para ele, e não é nada pequena (de facto João viveu até cerca dos cem anos, cuidou de Nossa Senhora, difundiu a fé entre milhares de pessoas, escreveu o quarto Evangelho e três Epístolas que fazem parte da Bíblia... Nada menos!). Mas o que interessa é que tu, Pedro, cumpras a tua missão pessoal. Por isso, te digo: *Tu, segue-me!*”

Com certeza, estas palavras —*Tu, segue-me!*— provocaram um sobressalto no coração de Pedro, pois fora com esses mesmos termos que Jesus o chamara, três anos antes, à beira do mesmo lago onde agora estavam, para se tornar o seu apóstolo. O coração de Pedro deve ter-se acelerado. As lembranças do dia da vocação devem ter-lhe voltado à memória, com a nitidez de um filme.

Na realidade, havia uma correspondência significativa —querida por Cristo— entre aquele dia, já remoto, da primeira chamada, e este dia do encontro com o Ressuscitado. No dia da sua vocação, Jesus, antes de comunicar-lhe a chamada, fez o prodígio da primeira pesca milagrosa, que São Lucas descreve no capítulo quinto, e à qual já nos referimos.

Naquele dia, após o milagre, Pedro atirou-se aos pés do Senhor, e este disse-lhe: “*Não temas; de agora em diante serás pescador de homens*” (Lc 5, 10). Era uma definição simbólica da vocação do apóstolo, e é também uma definição da vocação apostólica do cristão: *Vinde após mim, e eu farei de vós pescadores de homens* (Mt 4, 19).

A Igreja ensina-nos que todos os baptizados temos uma vocação divina e uma missão a realizar no mundo. Deus chama-nos a todos para sermos *pescadores de homens*. Não podemos pensar apenas na nossa santificação, na nossa salvação. Não é cristão ficar fechado nas preocupações e sonhos pessoais. Estamos chamados por Deus a envolver afectuosamente os outros —respeitando sempre a sua liberdade— nas “redes” da nossa caridade, do nosso amor fraterno, deste amor que deseja para todos o maior bem, isto é, trazê-los para junto de Cristo, tal como os Apóstolos puseram aos pés de Jesus os *cento e cinquenta e três grandes peixes*. Peixes que o próprio Jesus fez questão de que simbolizassem as almas: *farei de vós pescadores de homens!*

Perguntemo-nos, à vista disto, quantos parentes, amigos, colegas, conhecidos, já levamos nós aos pés de Cristo, à alegria de se encontrarem com o olhar de Cristo, com a palavra de Cristo, com o Coração de Cristo; à felicidade de descobrirem junto de Jesus o amor que não acaba e que dá o sentido à vida?

O mar da Galileia, para nós, é o mundo; e o “Pedro” actual, o Papa, no caso João Paulo II, posto ao leme da barca da Igreja, deu-nos como lema —para o novo milénio— as mesmas palavras com que Jesus mandou Pedro pescar, naquele encontro do dia da vocação: —*Duc in altum!* — *Mar adentro!* Deus quer que recristianizemos o mundo!

Por incrível que pareça, Deus, que é tudo e fez tudo, quer contar connosco para estender pelo mundo os frutos da Redenção que Cristo conquistou para nós na Cruz, pelo preço do seu Sangue. Ele quer que o Reino de Deus também “dependa de nós”: do nosso exemplo, do nosso empenho em difundir a doutrina cristã, do nosso apostolado pessoal, feito com uma palavra compreensiva, com uma confiança amiga, com um conselho leal.

“Mar adentro! Sigamos em frente, com esperança! —escreveu João Paulo II na Carta sobre o novo milénio—. Diante da Igreja —dizia— abre-se um novo milénio como um vasto oceano onde aventurar-se com a ajuda de Cristo [...]. O mandato missionário introduz-nos no terceiro milénio, convidando-nos a ter o mesmo entusiasmo dos cristãos da primeira hora; podemos contar com a força do mesmo Espírito que foi derramado no Pentecostes e nos impele hoje a partir de novo sustentados pela esperança que *não nos deixa confundidos* (Rom 5, 5)”.

Cheio de um santo optimismo, o mesmo Papa, na sua Carta sobre o Rosário, escrevia que o Cristianismo, “passados dois mil anos, nada perdeu do seu frescor original, e sente-se impulsionado pelo Espírito de Deus a “fazer-se ao largo” —*mar adentro!*— para reafirmar, melhor, para “gritar” Cristo ao mundo como Senhor e Salvador, como “caminho, verdade e vida”, como “o fim da história humana, o ponto para onde tendem os desejos da história e da civilização”.

Concluamos esta reflexão. A vida tem como meta, certamente, o Céu. Mas, antes de chegarmos ao Céu, é preciso que arregacemos as mangas e realizemos muitas coisas na terra. Sobretudo, é preciso que ajudemos muitos a encontrarem e a amarem a Deus, porque Cristo nos deu essa *missão* no mundo e confia em nós.

8. SÃO PAULO, MESTRE DA LUTA ESPIRITUAL

Um olhar humilde e agradecido

São Paulo, no final da primeira Carta aos Coríntios, após falar das diversas aparições de Cristo e evocar o seu encontro com Jesus ressuscitado às portas de Damasco, diz com humildade: *E, por último de todos, apareceu também a mim, como a um abortivo. Porque sou o menor dos Apóstolos, e não sou digno de ser chamado apóstolo, porque persegui a Igreja de Deus...* (1 Cor 15,8-9).

São Paulo é uma testemunha excepcional da Ressurreição de Jesus. Para ele, o facto decisivo, que transformou toda a sua vida, foi o encontro pessoal que teve com Cristo ressuscitado às portas de Damasco (Act 9, 1ss.).

Paulo, por mais que passassem os anos, nunca se esquecia de que fora um perseguidor dos cristãos, de quem Jesus teve misericórdia, e de que Cristo o escolheu, sem mérito algum da sua parte, para ser Apóstolo. Não se sentia digno. Comparando-se com os outros Apóstolos, via-se a si mesmo como um *aborto*, como o mais indigno...

Ele mesmo dirá que *Deus escolheu o que é fraco no mundo para confundir os fortes; e o que é vil e desprezível no mundo, como também aquelas coisas que nada são, para destruir as que são. Assim, nenhuma criatura se vangloriará diante de Deus* (1 Cor 1, 27-29).

É importante ter presente esta declaração sua, absolutamente sincera, de ser *nada*, o *último*, para avaliar melhor o que afirma a seguir, após aquelas palavras: *não sou digno de ser chamado apóstolo*. Textualmente, diz: *Mas, pela graça de Deus, sou o que sou, e a graça que Ele me deu não tem sido inútil. Pelo contrário, tenho trabalhado mais do que todos eles; não eu, mas a graça de Deus que está comigo* (1 Cor 1, 15-10). Não parece que agora, de repente, Paulo se torna orgulhoso, convencido e arrogante, ao dizer: *Tenho trabalhado mais do que todos eles*, do que todos os outros Apóstolos...? Que significa isto?

Significa que São Paulo era humilde de verdade, e não de fachada: porque a humildade é a verdade —como gostava de lembrar Santa Teresa de Ávila—, e São Paulo não se gaba de nada. Está feliz de poder louvar a Deus que, com a sua *graça* o tornou, mesmo sendo o menor, capaz de trabalhar por Cristo com uma eficácia inexplicável, enorme. Ele agradece, comovido, e sabe bem que tudo é puro dom de Deus: *Pela graça de Deus sou o que sou... Tenho trabalhado... não eu, mas a graça de Deus comigo*. Fica bem claro.

A humildade e a esperança

Estamos aqui perante um *paradoxo*, que faz parte da essência da vida cristã, ainda que pareça um contra-senso. O paradoxo é que, ao mesmo tempo que —com muita humildade— devemos considerar que não somos capazes de fazer *nada*, devemos também esforçarnos e trabalhar como quem é capaz de *tudo*, porque confiamos na graça que Deus nos dá.

Toda a vida cristã —toda a santidade— consiste em saber conjugar a graça de Deus e a nossa correspondência, a humildade com a luta cheia de esperança. O próprio Jesus,

por meio da comparação da videira e das varas, nos disse que, por nós mesmos, somos incapazes de fazer nada, nada que tenha valor aos olhos de Deus, nada que santifique, nada que valha para a vida eterna. *Eu sou a videira, vós os ramos. Quem permanecer em mim e eu nele, esse dá muito fruto; porque sem mim nada podeis fazer* (Jo 15,5).

São Paulo estava tão consciente disto que podia escrever, falando da sua vocação de Apóstolo: *Deus fez brilhar a sua luz [a luz da fé] nos nossos corações, para que irradiássemos o conhecimento do esplendor de Deus, que se reflecte na face de Cristo [para que déssemos a conhecer a luz da verdade de Cristo]. Porém —continua—, temos este tesouro em vasos de barro, para que transpareça claramente que este poder extraordinário vem de Deus e não de nós* (2 Cor 4, 6-7). Sem a graça, Paulo sabe que não tem nada, não pode nada e não é nada. Isto ele sentiu-o, de uma maneira muito especial, num momento dramático de sua vida.

“Basta-te a minha graça”: as fontes da graça

Abrindo a alma aos coríntios, o Apóstolo conta-lhes que houve um momento em que quase desesperou. A par de muitas graças de Deus, experimentou também muitas limitações, dificuldades e sofrimentos. De modo especial, fê-lo sofrer um tipo de fraqueza física ou de doença, que nós não sabemos exactamente o que era, mas que a ele o apavorava, porque achava que ia impedi-lo de continuar a trabalhar no apostolado. Como sofria! Era um desespero! Comparava esse mal a *um anjo de Satanás, que me esbofeteia, para me livrar do perigo da vaidade*. E dizia: *Três vezes roguei ao Senhor que o apartasse de mim. Mas Ele disse-me: “Basta-te a minha graça, porque é na fraqueza que se revela totalmente a minha força”... Portanto, prefiro gloriar-me nas minhas fraquezas, para que habite em mim a força de Cristo* (2 Cor, 12, 7-9).

Bem claramente se vê a consciência que tinha de que, sem a graça de Deus, não podia nada. Sentia-se um zero absoluto. Que fazia, então? Porventura ficava passivo, esperando que a graça descesse do Céu sobre ele? Não. Fazia duas coisas, que todos os cristãos deveríamos fazer. Primeira: *procurava constantemente a graça nas suas fontes*. Segunda: *lutava com todas as suas energias para corresponder às graças que Deus lhe concedia*. É muito bonito e ilustrativo recordar algumas das recomendações que fazia aos seus discípulos, porque reflectem o que acabamos de lembrar.

Numa das suas primeiras cartas, dizia aos tessalonicenses: *Vivei sempre contentes. Orai sem interrupção... Orai também por nós* (1 Tes 5, 16-17.25). Sentia a necessidade da oração constante, sem pausas, lembrando-se de que Deus vincula muitas das suas graças à oração —*Pedi e recebereis!* (Mt 7, 7)—, e que o próprio Cristo tinha insistido na necessidade de *orar sempre e não desfalecer* (Lc 18,1).

Também dizia aos filipenses: *Não vos inquieteis com coisa alguma! Em todas as circunstâncias apresentai a Deus as vossas preocupações, mediante a oração, as súplicas e a acção de graças* (Fil 4, 6). E, aos romanos: *Sede alegres na esperança, pacientes na tribulação e perseverantes na oração* (Rm 12, 12). Tinha a certeza de que, com a oração, tudo se alcança de Deus, tudo o que nos é necessário para vivermos como bons filhos de Deus e para superar o que nos quer afastar dessa vida santa.

Na mesma carta aos romanos, Paulo usa uma expressão muito sugestiva. Compara a oração a uma grande arma de combate: *Rogo-vos, irmãos, em nome de nosso Senhor Jesus Cristo e do amor que é dado pelo Espírito Santo: combatei comigo, dirigindo as*

vossas orações a Deus por mim (Rm 15,30). O Catecismo da Igreja pode falar, por isso, do “combate da oração” (n. 2725).

A oração é tão importante, tão fundamental, que Santo Afonso Maria de Ligório chegava a dizer: *Quem reza certamente se salva; quem não reza certamente se condena.*

Além dessa insistência na necessidade da oração, São Paulo afirma também, de uma maneira impressionante, que os que desprezam a graça da Comunhão, por tratarem com desrespeito a Eucaristia, por comungarem mal, ficam doentes espiritualmente e morrem, perdem a vida divina: *Esta é a razão por que entre vós há muitos adoentados e fracos, e muitos mortos (1 Cor 11,30).* Lembrava-se muito bem de que Jesus afirmara taxativamente, falando da Eucaristia: *Este é o pão que desceu do céu... Quem come deste pão viverá eternamente; e Se não comerdes a carne do Filho do Homem... não tereis a vida em vós mesmos (Jo 6, 51 e 53).*

Ao lado desta exortação a tirar forças desse alimento eucarístico, que é o próprio Cristo, São Paulo não deixava de recordar aos fiéis a necessidade de estar em estado de graça para comungar; algo que é extremamente importante lembrar nos dias de hoje: *Que cada um se examine a si mesmo, e assim coma deste pão e beba deste cálice. Aquele que o come e o bebe indignamente, sem distinguir o Corpo do Senhor, come e bebe a sua própria condenação (1 Cor 11, 27-29).* É forte, mas a Igreja sempre fez eco a estas palavras inspiradas pelo Espírito Santo: *Examine-se cada um a si mesmo... E, se reconhecer que está afastado de Deus por algum pecado grave, um pecado mortal, vá confessar-se quanto antes e, sem dúvida, confesse-se antes de comungar.*

O ensinamento de São Paulo deixa bem claro que, para vivermos bem a vida dos filhos de Deus, precisamos absolutamente da graça divina — da graça do Espírito Santo — que conseguimos por meio dos sacramentos — especialmente da Penitência e da Eucaristia —, e por meio da oração e do amor a Deus com que fazemos as coisas. Estas são as três grandes *fontes da graça*: os Sacramentos, a eficácia impetratória da oração, e o mérito sobrenatural das boas obras realizadas por amor a Deus.

A luta ascética do cristão

Estivemos até agora a ver a necessidade da graça. Vamos considerar agora o segundo “pólo” do paradoxo de que falávamos acima: a necessidade de *lutarmos* sinceramente para corresponder à graça que Deus nos dá.

Sobre esta segunda “necessidade” — a necessidade de lutar, além de rezar —, São Paulo é mestre, e mestre genial. Já recordámos que ele dizia, após considerar-se nada: *Mas, pela graça de Deus sou o que sou, e a graça que Ele me deu não tem sido inútil. Pelo contrário, tenho trabalhado — tenho lutado — mais do que todos eles.* Este homem de garra fala sempre da luta do cristão como de um desafio otimista, como de uma competição atlética ou desportiva. Como nos faz bem lembrar-nos disto e decidir-nos também nós a ser “lutadores” — no esforço por melhorar —, cheios de optimismo e espírito desportivo. Não vemos que é assim que se manifesta a nossa esperança na graça de Deus? Se não tivéssemos essa confiança na ajuda de Deus, não lutaríamos, deixaríamos tudo.

Vamos, pois, meditar sobre um par de passagens das mais “desportivos” de São Paulo.

Podemos começar com aquela em que fala do estádio olímpico. São Paulo escreve aos coríntios (que, por sinal, lhe deram muito trabalho), e diz-lhes: *Nas corridas de um*

estádio, todos correm, mas bem sabeis que um só recebe o prêmio. Correi, pois, de tal forma que o alcanceis... Assim corro eu, mas não sem rumo certo. Dou golpes [aqui pensa nos pugilistas], mas não no ar... (1 Cor 9, 24-27).

Quantas sugestões não contêm estas palavras! Não é verdade que, muitas vezes, nos sentimos espiritualmente parados, estagnados? Os nossos defeitos, em vez de diminuir, parece que aumentam. Não falo agora dos que se desleixam da perfeição cristã, e só pensam na “boa vida”. Estou a pensar em pessoas que têm fé, que têm amor a Deus, e que desejam melhorar. Mas, apesar da boa vontade, percebem que não avançam nem um centímetro; pelo contrário, parece que em cada dia recuam um pouco. E assim passam os anos, e aumenta o desânimo. E a esperança, onde fica? Parece que não existe. Mas, como pode existir se *rezamos pouco, e não lutamos desportivamente, a sério, como os atletas no estádio?*

Poucos podem dizer que, para ganhar mais fé, mais paciência, mais compreensão, mais ordem, mais formação, mais constância, mais generosidade com o próximo, mais qualidade e profundidade na oração e no trabalho... poucos podem dizer —insisto— que fazem o que diz São Paulo, ou seja, que lutam com a garra de um campeão no estádio olímpico. Para isso, precisariam de ter metas concretas na oração, e de luta, e não só boa vontade e bons sentimentos. Deveriam decidir-se e dizer: “Eu proponho-me isto, a partir de amanhã: aquela oração, aquele esforço, aquela mudança de atitude; não quero ficar a dar *golpes no ar* (muito sentimento, muitas palavras vãs e pouco sacrifício)”.

Deveriam evitar, além disso, *correr sem rumo*, ou seja, deveriam procurar ter uma orientação, uma direção espiritual que lhes facilitasse traçar caminhos, concretizar um plano de vida; que acompanhasse a aceleração da sua “corrida”, e os ajudasse a rectificar e a aprender com os erros, como faz o treinador com os atletas... Sim. Quantos há que possam dizer que fazem o que Paulo recomenda? Poucos. Muito poucos. Somos comodistas. Não gostamos dos nossos defeitos, mas conformamo-nos com eles. Não lutamos como Paulo pedia a Timóteo: *Combate o bom combate da fé, conquista a vida eterna!... Nenhum atleta será coroado, se não tiver lutado segundo as regras...* (1 Tim 6, 12 e 2 Tim 2, 5).

Paulo podia pedir isso a Timóteo —e a todos os fiéis— porque ele o praticava. É tocante a “confissão” que faz na Carta aos Filipenses. Depois de falar das suas *ânsias* de conhecer mais e mais a Cristo e de experimentar *o poder da sua ressurreição*, diz que luta para *conquistar Cristo*, e explica como é essa luta: *Não pretendo dizer que já alcancei esta meta e que já cheguei à perfeição. Não. Mas empenho-me em conquistá-la, uma vez que também eu fui conquistado por Jesus Cristo. Consciente de não a ter conquistado ainda, só procuro isto: prescindindo do passado, e atirando-me ao que resta para a frente, persigo o alvo, rumo ao prêmio celeste, ao qual Deus me chama em Jesus Cristo* (Fil 3, 10-14).

Bastaria que cada um de nós meditasse devagar estas palavras, para perceber que nelas se encerra um magnífico programa de luta —de vida — cristã. Um programa que poderíamos resumir assim: Se confiarmos na graça de Deus —no auxílio do Espírito Santo—, nunca iremos sentir-nos “satisfeitos” (“*não pretendo ter alcançado a meta*”); nunca iremos parar de nos propormos novas metas de melhoria (“*olhando para a frente*”); nunca iremos olhar com desânimo para os nossos fracassos e erros, já perdoados por Deus (“*esquecendo o que fica para trás*”), mas continuaremos a esforçar-nos com alegria e optimismo renovados em cada instante (“*atirando-me ao que resta*”).

para a frente”). Como animam essas palavras! Basta meditá-las um pouco, para nos sentirmos dispostos a não abandonar a luta —as batalhas que Deus nos pede— por maiores que sejam as dificuldades.

Esta é a grande lição ascética de São Paulo: se formos humildes, se confiarmos totalmente em Deus, se perseverarmos na oração e na prática dos Sacramentos, se encararmos a luta com optimismo e espírito desportivo, Deus fará com que a nossa vida na terra seja uma caminhada feliz, que sempre progride —por mais que esteja recheada de quedas— e que desembocará na alegria inefável da *meta*, do prémio *celeste*, ao qual *Deus nos chama*.

9. MARIA, MÃE DA SANTA ESPERANÇA

A Mãe que soube esperar

Uma tradição muito antiga, que atravessou os séculos e ficou plasmada em muitas obras de arte, afirma que a primeira aparição de Cristo ressuscitado foi à sua Mãe Santíssima.

É natural que Jesus, que ficava feliz —depois da ressurreição— trazendo a alegria aos que amava, tivesse dado a precedência da alegria à sua Mãe. Não era ela quem mais a merecia? Ela que acreditara firmemente, desde o momento da Encarnação, que aquele seu filho, que ao mesmo tempo era *o filho do Altíssimo*, seria —como o anjo Gabriel lhe tinha anunciado— o Messias descendente de David, que *reinaria eternamente e seu Reino não teria fim*; ela que se unira ao Redentor em todos os momentos da sua vida e especialmente na Paixão, oferecendo a sua imensa dor juntamente com o sacrifício redentor do Filho; ela que ouvira sair dos lábios murchos de Jesus agonizante sobre a Cruz aquela “nomeação” como Mãe dos discípulos, mãe de todos os homens: “*Mulher, eis aí teu filho*”...; ela certamente merecia ter as primícias do júbilo da ressurreição. E é o que Jesus ressuscitado lhe deve ter dado, sem dúvida, como atesta a tradição.

É muito bonito pensar que, naqueles momentos de escuridão quase total que envolvia os discípulos logo depois da morte e enterro de Jesus, a única luz de esperança que não se apagou, que continuou a brilhar, foi o coração de Maria. O seu coração, que acabava de ser *atravessado por uma espada de dor*, como profetizara Simeão era, ao mesmo tempo, a única lâmpada que ardia com a chama da santa esperança. Ela foi a única que, no silêncio do sábado santo, esperou pela *ressurreição ao terceiro dia*...

A Mãe que ensina a confiar

Certamente, ao longo de toda a sua vida, ela viveu e encarnou a esperança como ninguém. Movida pelo Espírito Santo, Santa Isabel louvou-a assim no dia da Visitação: *Feliz a que acreditou, porque se cumprirão todas as coisas que lhe foram ditas da parte do Senhor*. Acreditou, e desse solo fecundo da fé, brotou a esperança como uma planta viçosa, como uma fonte.

Conta-nos São Lucas, no Evangelho, que no dia da Visitação, Santa Isabel, movida pelo Espírito Santo, louvou Nossa Senhora com estas palavras: *Feliz a que acreditou, porque se cumprirão todas as coisas que lhe foram ditas da parte do Senhor* (Lc 1,45).

Maria acreditou e, do solo fecundo da sua fé, brotou a esperança como uma planta viçosa, como uma fonte cristalina, como um diamante único, indestrutível. Por isso a Igreja lhe chama *Mãe da santa esperança*, e por isso nós a invocamos como *Mãe de misericórdia, vida, doçura e esperança nossa*... Não são apenas belas palavras. Têm um conteúdo profundo. Descrevem a missão que Jesus lhe confiou em relação aos seus irmãos — em relação a nós, que somos todos irmãos de Jesus (cf. Rm 8,29) e filhos de Maria (Jo 19, 26).

Quando Jesus nos deu Maria como Mãe, no momento solene da agonia na Cruz, quis garantir-nos a esperança. É verdade que a nossa esperança deve estar, toda ela,

colocada em Deus. Deus, e só Deus, é o motivo e a fonte radical da esperança. Mas Ele deu-nos uma Mãe —a sua Mãe— para que, com o calor de seu coração, nos ensinasse a confiar; para que estendesse a mão a estas suas pobres crianças que somos nós, para que as guiasse e as introduzisse no mundo maravilhoso da esperança.

Uma das orações mais antigas dirigidas a Nossa Senhora é aquela que ainda hoje os católicos piedosos sabem de cor: “À vossa proteção nos acolhemos, Santa Mãe de Deus, não desprezeis as nossas súplicas nas necessidades, mas livrai-nos sempre de todos os perigos, ó Virgem gloriosa e bendita. Rogai por nós, santa Mãe de Deus, para que sejamos dignos das promessas de Cristo”. É uma expressão da confiança filial em Maria que nos encaminha para a esperança plena em Deus.

Na verdade, o Espírito Santo —inspirador da Sagrada Escritura— deixou-nos motivos mais do que suficientes para que aprendêssemos a confiar na “Esperança nossa”.

Bastaria lembrar a cena das bodas de Caná (Jo 2,1-11), onde a petição de Maria — suave, discreta, sussurrada ao ouvido— obteve de Jesus o seu primeiro milagre, a transformação da água em vinho.

Naquela festa de bodas, começou a faltar o vinho. Maria teve pena dos noivos. Aquilo podia estragar a alegria singela do banquete. Então falou com o seu Filho: *Não têm vinho!* A resposta de Jesus pode parecer um balde de água fria: —*Mulher, que temos nós a ver com isso? A minha hora ainda não chegou*—, mas Maria não achou que fosse assim, e com toda a paz disse aos serventes: *Fazei tudo o que ele vos disser...* e não precisou de fazer mais. Jesus imediatamente mandou encher de água umas grandes talhas que lá estavam, e depois indicou que fosse servido o seu conteúdo aos convidados: foi o melhor vinho da festa!

Maria adiantou assim, misteriosamente, a hora dos milagres de Jesus. E graças a esse primeiro milagre, obtido pela intercessão da Virgem, o Evangelho diz que Jesus *manifestou a sua glória e os seus discípulos acreditaram nele*. Tudo, pela solicitude de Maria, pela ternura do seu coração. Se Jesus fez isso, a pedido de Maria, o que não fará por nós? É como se Ele próprio nos dissesse: “Vêem? Confiem na minha Mãe! Eu sempre a ouvirei! Ela conseguirá tudo de mim!”

A Mãe de misericórdia

É por isso que os santos e os bons teólogos a chamam a “omnipotência suplicante”, uma maneira hiperbólica —mas realista— de referir-se ao poder das súplicas de Maria diante de Jesus. São Bernardo, o “trovador da Virgem”, gostava de compará-la ao aqueduto que recebe a água da fonte (a água da graça, da fonte que é Deus) e a faz chegar a nós, da mesma maneira que um aqueduto recolhia então a água das montanhas e a conduzia até às povoações. E dizia assim: “Recebendo a plenitude (da graça) da própria fonte do coração do Pai, no-la torna acessível... Com o mais íntimo, pois, da nossa alma, com todos os afectos do nosso coração e com todos os sentimentos e desejos da nossa vontade, veneremos Maria, porque esta é a vontade daquele Senhor que quis que tudo recebêssemos por Maria”.

Que confiança, que consolo isto nos dá! Não é verdade que, às vezes, o que mais nos custa é esperar na misericórdia divina, porque vemos que não a merecemos, e que Deus, sendo justo, deveria castigar-nos, especialmente depois de tantos arrependimentos efémeros, de tantas reincidências meio cínicas? E, no entanto, nem

no pior dos casos devemos desesperar da misericórdia de Deus, mesmo que nos sintamos afundados —como o filho pródigo— na mais espessa, suja e viscosa lama do pecado. Nessa triste situação, ninguém como Maria para nos ajudar a confiar na misericórdia de Deus. Ela é Mãe. Não tenhamos medo, por mais sujos e machados que estejamos. Ela não deixará de propiciar um bom banho aos seus filhos. Ela nos há-de mover ao arrependimento, ela nos levará —se for preciso, pelas orelhas— até à confissão, e nos levará finalmente no colo, limpos e felizes.

“Se eu fosse leproso —escrevia São Josemaría Escrivá—, a minha mãe abraçar-me-ia. Sem medo nem repugnância alguma, beijar-me-ia as chagas. — Pois bem, e a Virgem Santíssima? Ao sentir que temos lepra, que estamos chagados, temos de gritar: Mãe! E a proteção de nossa Mãe é como um beijo nas feridas, que nos obtém a cura.”

A intercessora poderosa

A confiança em Nossa Senhora sempre foi tão grande entre os bons cristãos, que alguns até “exageraram”. Mas exageraram de uma maneira bonita, assim como se amplia um detalhe de uma flor belíssima, muito além do seu tamanho normal, para poder apreciá-la melhor. Não há nisto “mentira”! Um exemplo entre mil são uns versos do “poeta da esperança”, o francês Charles Péguy, que põe na boca de Deus Pai as seguintes palavras (deliciosamente “exageradas”):

“Eu não vi no mundo —diz Deus— nada mais belo que uma criança que adormece fazendo a sua oração (...).

[O poeta estende-se, em versos tocantes, falando da maravilha que é uma criança que dorme rezando, e nenhuma das coisas bonitas que aí diz é um exagero].

“Nada é tão belo! —continua a dizer Deus—. E este é mesmo um ponto em que a Virgem Santa está de acordo comigo. Lá em cima (no Céu).

“Inclusive, eu posso dizer que este é o único ponto em que estamos plenamente de acordo. Pois geralmente os nossos pareceres são contrários.

“Porque ela está do lado da misericórdia,

“E eu..., bem, é preciso que eu esteja do lado da justiça”.

Estes versos fazem sorrir (e até comovem um pouquinho), mas são “verdadeiros” pelo sentimento de confiança em Maria que transmitem. Junto dela, só um cego espiritual, um tolo... ou um demónio, podem perder a esperança.

Foi assim que o entenderam os cristãos desde o início. Não podemos esquecer o que nos mostra a Sagrada Escritura, nos Actos dos Apóstolos, logo a seguir à Ascensão do Senhor. Jesus tinha-se despedido recomendando aos seus que permanecessem em Jerusalém, *até que sejais revestidos da força do Alto* (Lc 24,49), ou seja, até à vinda do Espírito Santo no dia de Pentecostes. Pois bem, no livro dos Actos diz-se que todos —os Apóstolos, os discípulos, as santas mulheres— obedeceram, e reuniram-se, durante dez dias, no Cenáculo, *com Maria, a Mãe de Jesus*. Lá, junto dela, como uma família apinhada em torno da mãe, *perseveravam unanimemente na oração* (Act 1, 14). Junto de Nossa Senhora, tornava-se fácil cumprir o que Jesus mandara. É sempre assim! A única coisa que ela nos pede é o que pediu aos serventes de Caná: *Fazei tudo o que Ele vos disser*. E ela fica junto de nós para nos ajudar a cumpri-lo.

Por isso, uma vida espiritual impregnada de devoção a Nossa Senhora é uma vida espiritual sadia, voltada inteiramente para o cumprimento da Vontade de Deus. “Antes,

sozinho, não podias... —dizia Mons. Escrivá—. Agora, recorreste à Senhora, e, com Ela, que fácil!”

Quem quer a graça de Deus, a Ela recorre

É uma experiência universal na história do cristianismo. Dante Alighieri deixou-a maravilhosamente expressa no canto trinta e três do “Paraíso” da “Divina Comédia”, o último canto do livro, que começa com uma oração de São Bernardo à Virgem Maria, um cântico que, entre outras coisas, diz assim:

“Ó Virgem mãe, filha do teu Filho,
humilde e mais alta que criatura alguma,
termo imutável dos desígnios divinos [...]
...Cá no Céu, tu és para nós sol radiante
de amor; e em baixo, entre os mortais,
és uma fonte viva de esperança.
Senhora, és tão grande e tanto podes,
que quem quer graça e a ti não recorre
o seu desejo quer voar sem asas. [...]
...Em ti, misericórdia; em ti, piedade,
em ti magnificência, em ti se junta
quanto há nas criaturas de bondade...”

Mesmo que a tradução faça perder o sabor inexprimível do texto italiano, mantém a alma destes versos.

Anteriores a Dante são umas palavras anónimas, cheias de devoção, que alguém rabiscou num manuscrito medieval, falando das rosas que compõem o “rosário” de Maria:

“Quando a bela rosa Maria começa a florescer, o inverno das nossas tribulações desvanece-se, e o verão da eterna alegria começa a brilhar”. É popular, é muito simples, mas é muito expressivo.

Confiar em Maria como uma criança confia na mãe

Na realidade, a nossa confiança em Maria não só deve ser simples —como a fé do povo mais simples—, mas deve adquirir a pureza e a singeleza total da infância. Podemos dizer que a nossa confiança só será perfeita quando, como Jesus nos pede, *nos transformarmos e nos fizermos como crianças* (Mt 18,3).

A este propósito, penso que vale a pena evocar uma lembrança de há bastantes anos. Trata-se de um pequeno episódio da vida de um padre de aldeia, de dois metros de altura, forte e desengonçado como um don Camilo de Guareschi, e que foi meu amigo.

Aconteceu que, na altura do Natal, seguindo o costume da sua terra, preparava-se para receber algum presente trazido na corcunda dos camelos pelos Reis Magos. Nessa ocasião, seguindo um sistema do tipo do “amigo secreto”, os “reis magos” íamos ser um grupo de colegas, padres como ele. Cada um escreveria uma carta aos Reis, fazendo o pedido. O nosso don Camilo (que se chamava Pedro) escreveu esta:

“Meus caros Reis Magos:

Muito embora sempre vos tenha amado e pedido favores, especialmente quando fazeis a vossa visita à terra, não vos tinha escrito desde há, se bem me lembro, uns trinta anos. Eu era então uma criança com muitos sonhos na cabeça, que se foram apagando com o decorrer do tempo. Mas agora acontece que, graças a Deus, volto a sonhar, muito embora os sonhos sejam, naturalmente, diferentes dos que tinha então. O meu desejo actual é o de voltar a ser criança, apesar da minha respeitável estatura, para assim conseguir de vós quanto deseja e precisa o meu coração de menino. Sim, o que para mim eu quero é isto: que me alcanceis a infância espiritual, para que sempre possa caminhar agarrado à mão de Deus; pois provavelmente seria para vós um pouco difícil conceder-me a infância corporal. A Providência divina fez-me também pai de umas boas centenas de almas, que amo de todo o coração, e para as quais vos peço muita saúde espiritual, visto que há muitas que estão doentes. Com a certeza de que me haveis de conceder o que vos peço, beijo as vossas mãos benfazejas”.

Os Rei Magos atenderam seu pedido, e ele recebeu como presente uma imagem de Nossa Senhora, linda, com um olhar de mãe, com um sorriso cáldo de mãe, que fazia com que qualquer um se sentisse, perto dela, uma criança amparada, totalmente aconchegada...

Como uma história conduz a outra, aí vai outro belo episódio dos tempos actuais. Um dos maiores poetas do século vinte foi Paul Claudel, um diplomata francês que se converteu ao catolicismo, por graça de Nossa Senhora, certa vez em que assistia —sem fé— a uma Missa de natal na catedral de Nôtre-Dame de Paris. Maria tocou-lhe o coração, alcançando-lhe do Espírito Santo a graça da fé, e meteu-o para sempre no coração de seu Filho Jesus. Claudel tornou-se um grande católico e foi um dos maiores poetas e dramaturgos do seu século. A graça da sua conversão ficou-lhe tão gravada na alma que, sempre que podia, fazia uma passagem por Nôtre-Dame, entrava na catedral e ficava a olhar para a imagem da Senhora, da Mãe que o salvara. Ele mesmo, num dos seus poemas, descreve qual era, nessas ocasiões, a sua oração. A tradução dá uma ideia dela, ainda que, como qualquer tradução, não é tão belo como o original:

“É meio-dia. Vejo a igreja aberta. É preciso entrar.
Mãe de Jesus Cristo, não venho rezar.
Nada tenho a oferecer e nada a pedir.
Mãe, venho apenas olhar para ti.
Olhar para ti, chorar de alegria, recordar
que sou teu filho e que tu estás aqui.
Apenas um instante, enquanto tudo pára.
Meio-dia!
Estar contigo, Maria, neste lugar onde tu estás.
Nada dizer, olhar para o teu rosto,
Deixar o coração cantar em sua própria linguagem [...]
...porque tu és a Mãe de Jesus Cristo,
que é a verdade entre os teus braços e a única esperança... [...]
Porque estás aqui para sempre, simplesmente porque tu és Maria,
simplesmente porque existes,
Mãe de Jesus Cristo, nós te agradecemos!”

Esta é que é a verdadeira devoção a Maria. Isto é o que devemos colocar em cada Ave Maria, em cada Terço, em cada Salve Rainha, em cada oração silenciosa, em cada jaculatória da ladainha, em cada olhar e em cada suspiro filial...

Agradeçamos a Jesus a Mãe que nos deu, porque —com ela— é impossível perder a esperança. Digamos-lhe, com palavras da antiquíssima antífona *Salve, Rainha: Vida, doçura e esperança nossa, esses vossos olhos misericordiosos a nós volvei!*